

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



O legado do Pan



Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00049

Cesar Maia

Prefeito

Sônia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely Batista** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) •

Renata Petrocelli (subeditora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) •

César Garcia (copidesque e revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

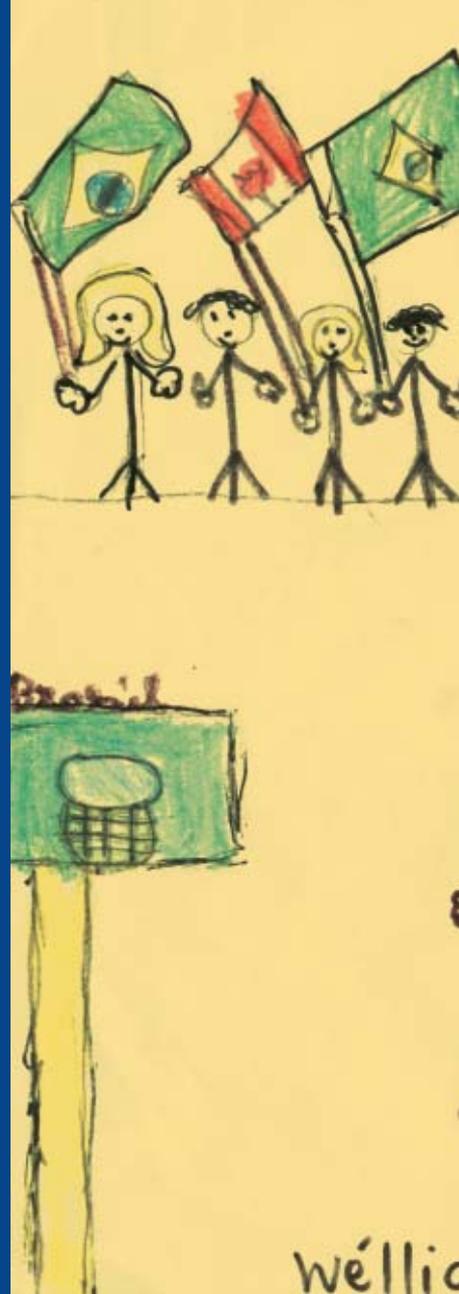
Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**

Tiragem: **36.500 exemplares**



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



PAN Rio 2007.



da Justino da Silva

Desenho da aluna Wéllida Justino da Silva - 9 anos
E. M. Brício Filho - 3ª CRE

Capa:

Cauê - Mascote do Pan
Perspectiva ilustrativa do estádio João Havelange
Tratamento de imagem: David Macedo
Montagem: Aline Carneiro

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Mais saúde e muita autonomia

12 pan 2007

As estrelas dos bastidores

14 contos americanos

O torcedor

15 século XXI

A hora e a vez da superação

18 carioca

A maior obra dos últimos 50 anos

20 rede fala

Jogos que melhoram a auto-estima

21 professor on line

Diversão sem complicações

23 olho mágico

MULTIRIO antenada no Pan

24 caleidoscópio

Integração que vale a pena

26 capa

Um Pan de oportunidades

34 atualidade

Um novo tempo no esporte

37 presente do futuro

Uma prática pra lá de perigosa

41 pé na estrada

Tarefa cheia de encantos mil

Escrever para compartilhar

46 foi assim

O primeiro Pan Brasileiro

47 perfil

Guarda, esportista e tricolor

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Um legado para o Rio

Chegamos finalmente à época dos Jogos Pan-americanos, e nesta edição de NÓS DA ESCOLA você poderá acompanhar todos os preparativos relacionados a este grande acontecimento.

Há dois anos o Rio de Janeiro vem se preparando para sediar o Pan. Uma série de obras e melhorias

em vias públicas está sendo realizada em função do evento. Novos estádios, já adaptados para portadores de necessidades especiais, foram construídos – a obra do Engenhão, por exemplo, já pode ser considerada um marco em termos de engenharia na cidade. Outros ganharam cara nova por conta de reformas. Toda essa estrutura poderá ser usufruída, depois dos Jogos, pelos atletas da cidade. A economia carioca também ganha, pois os vários equipamentos ficarão disponíveis a outras competições, nacionais e internacionais, gerando empregos.

Uma novidade do evento para este ano é que pela primeira vez o Parapan será realizado na mesma cidade do Pan. Entrevista com a equipe organizadora do Parapan revela os detalhes desta iniciativa: ponto para a prefeitura carioca, que tem a política de inclusão como meta social.

Em matéria sobre o tema, focalizamos também o legado específico dos Jogos para as nossas escolas e mostramos como as crianças e jovens cariocas poderão usufruir da estrutura construída para os Jogos Pan-americanos.

Na coluna *Presente do futuro* abordamos o tema *doping*. Convidamos especialistas no assunto para discutir o tema e a relação entre drogas e esporte, enfatizando os perigos dos anabolizantes para a saúde.

Os bastidores do evento e o trabalho dos voluntários do Pan, entre eles inúmeros professores de nossa Rede que se inscreveram como voluntários, é outro assunto desta edição, onde você também poderá encontrar dicas importantes sobre o trânsito no período de realização dos Jogos e um mapa dos locais de realização das atividades.

Não deixe de ler.



Sônia Mograbi

Secretária municipal
de Educação

Texto de aluno

A equipe de NÓS DA ESCOLA agradece o envio do texto “O que quero alcançar no futuro?”, produzido por Felipe Nogueira dos Santos na aula de língua portuguesa da Professora Celma Nicacio, da Escola Municipal Rosa do Povo (7ª CRE). Como foi informado à professora, a revista não tem espaço para a publicação de trabalhos de alunos, mas põe à disposição a seção *Pé na estrada*, onde poderá ser relatada a atividade que levou à produção do texto.

Desenhos

NÓS DA ESCOLA agradece os desenhos enviados pelas Escolas Municipais Brício Filho (3ª CRE),

Madre Benedita (8ª CRE) e Von Martius (9ª CRE) e pela Casa da Criança Professora Enyr Portilho Avellar (9ª CRE). Em breve vocês poderão conferi-los na revista.

Correção

O texto do encarte *Giramundo* da edição 46 de NÓS DA ESCOLA é de autoria da equipe da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Cristina Campos, que aparece como autora do texto, apenas editou-o.

Poesia traduzida

Na edição anterior, publicamos dúvida da Professora Rosemary Sant’Anna sobre a tradução de poemas das Américas encontrados no Portal da MULTIRIO. A seguir,

reproduzimos a resposta de Eliane Bardanachvili, do Portal:

“Todas as poesias publicadas na coletânea Poesia das Américas têm tradução. Basta clicar na opção Tradução, logo acima do título do poema. Infelizmente, nem todos os países foram contemplados, uma vez que o objetivo da coletânea era dar um indicativo da diversidade de estilos e de realidades do continente americano. Aproveitamos para convidá-la a navegar pelo Mapa das Américas e pelos demais conteúdos relativos ao Pan 2007 do Portal MULTIRIO. Pelo mecanismo de busca, é possível, também, acessar conteúdos sobre diversos outros assuntos que poderão interessar-lhe em seu trabalho”.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

Mais saúde



de e muita autonomia

Muito já se falou do legado dos Jogos Pan-americanos para a nossa cidade. Entre tantos ganhos, o Rio já herdou equipamentos esportivos modernos que beneficiarão os atletas locais; *know-how* em organização de eventos desse porte; profissionais treinados em uma série de atividades necessárias à realização de competições como as que acontecerão por aqui etc. Mas o fato de o Rio sediar também os Jogos Parapan-americanos, em agosto, traz à tona outra discussão relevante: a prática esportiva por portadores de deficiência. Fundamental para a saúde de qualquer um de nós, a atividade física é importantíssima no processo de autonomia e independência de quem tem alguma lesão. É o que nos contam, nesta entrevista, Mauro Bernardo, ex-atleta paraolímpico de natação e coordenador de Educação Física Adaptada da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (Smel), e Sandra Peres, coordenadora da Vila Olímpica Carlos Caxias, no Morro do Alemão. Tanto Mauro quanto Sandra trabalham há muitos anos com portadores de deficiência e se ressentem do pouco espaço que há nos cursos de educação física e no mercado de trabalho em geral para a atividade física adaptada. “Hoje até já se fala mais, em todo o mundo, sobre a atividade física adaptada. Mas lá se vão 27 anos desde que o movimento começou, nos anos 1980. Acho sinceramente que o ganho ainda é pouco. Mas fico feliz, por exemplo, quando passo pela Vila Olímpica da Maré ou venho aqui no Ciad [Centro Integrado de Atendimento ao Deficiente] e vejo o portador se exercitando. Penso logo que há 15, 20 anos os idosos não se exercitavam, e hoje todos eles se exercitam de alguma forma. Acho que com os portadores acontecerá o mesmo”, observa Sandra.

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Que benefícios a atividade física traz ao portador de deficiência?

Mauro – Fiquei na cadeira [de rodas] com 20 anos, comecei a nadar com fisioterapia e acabou que comecei a competir. O que posso dizer é que a prática do esporte foi me ensinando a ter autonomia, como por exemplo ter habilidade com a cadeira, me *virar* em qualquer lugar. Dei aulas na Vila Olímpica, em Padre Miguel,

e lá havia alunos portadores [de deficiência] que quando chegavam para praticar natação não sabiam nem tirar o tênis, mas depois que começaram a nadar foram ficando mais independentes. A autonomia que tenho hoje quem me deu foi o esporte. O esporte me ajuda na adaptação à rotina do dia-a-dia.

Sandra – Acho interessante perceber que no universo da reabilitação há atividades chama- ▶

das da vida diária e outras da vida independente. As da vida diária são escovar os dentes, o cabelo, passar da cadeira para cama e vice-versa etc. As da vida independente, fazer compras e dirigir [veículos], por exemplo. Quando o portador sai do centro de reabilitação, ele tem de ter autonomia para algumas rotinas do tipo discar telefone, empurrar a própria cadeira... Nos centros eles treinam essas rotinas e freqüentemente de uma forma muito interessante, que é o aconselhamento de pares. Ou seja, deficiente novo e antigo trocam experiências. A atividade física é um meio propício a essa troca. Inúmeras vezes vi isso com meus alunos.

M – Aprendi muitas das coisas que sei trocando experiências com outros colegas. Na natação, foram muitas as vezes em que olhava debaixo d'água para ver como o outro nadador fazia a virada mais rápido que eu. E fui aprendendo a ser mais independente assim, olhando os outros na prática do esporte. Aliás, é a idéia de ver as pessoas se tornando independentes que me motiva hoje a dar aulas.

Como surgiu o esporte paraolímpico?

S – Surgiu como uma forma de reabilitação, em 1945, nos Estados Unidos e Inglaterra, no pós-guerra. Naquela época, os centros que atendiam aos mutilados de guerra começaram a associar reabilitação a competição. Em vez de fazer exercícios apenas com o intuito de recuperação de determinada função, levavam em conta a parte lúdica da atividade física, inserindo a idéia de competição. Eles perceberam que o resultado da reabilitação dos pacientes era muito melhor.

M – Dentro dos centros eram realizados jogos de basquete em cadeiras de rodas, reunindo os veteranos de guerra amputados. O que se percebeu é que os pacientes ficavam mais motivados. Daí em diante, a prática foi ampliada para outras modalidades esportivas e os centros de reabilitação norte-americanos começaram a organizar times para jogar contra os da Inglaterra. O basquete foi a primeira modalidade, depois vieram o arco-e-flecha, o atletismo...

Quando surgiu a primeira competição oficial de esporte paraolímpico?

S – A primeira foi em 1960, em Roma. Foi a primeira olimpíada com portadores de defi-

ciência. Oito modalidades foram disputadas na época: *snooker*, arremesso, lançamento, basquete, natação, tênis de mesa, arco-e-flecha e pentatlo.

Os primeiros atletas paraolímpicos eram deficientes físicos?

S – O movimento paraolímpico começou com os portadores de deficiência física sim, com os cadeirantes, nos centros de reabilitação de mutilados de guerra. Depois se estendeu a portadores de deficiência mental, visual e pessoas com paralisia cerebral. Hoje praticamente todos os tipos de deficiência participam das paraolimpíadas.

Como se organizam hoje as competições paraolímpicas?

M – Há categorias diferenciadas por deficiência. É feita uma avaliação médica e existe uma classificação baseada em uma soma de pontos, de acordo com a musculatura do atleta que funciona. Na natação, por exemplo, existem 10 categorias.

S – No decorrer dos anos, é importante falar, as categorias foram ficando mais numerosas. Imagine a quantidade de deficiências, se cada lesão afeta uma musculatura diferente... Isso acabou tornando inviáveis as competições, dada a quantidade de atletas e de provas. Foram feitas modificações associando algumas deficiências na mesma categoria. Hoje são 10 modalidades, cada uma delas com subcategorias (veja a matéria da página 15 desta edição).

Quantos países participam hoje do Comitê Paraolímpico?

S – São 160 representados.

O movimento paraolímpico vem conquistando espaço, mas ainda assim há muito desconhecimento sobre a atividade física adaptada...

M – Quando fiz faculdade de educação física os professores me perguntavam como me incluiriam nas suas aulas. Eu dizia que podia fazer uma atividade adaptada à minha condição: ficar no gol, jogar vôlei parado, basquete... Na própria faculdade, professores com mestrado e doutorado não têm muitas informações sobre o assunto. Eles me chamavam para



dar palestras para os outros alunos, porque sabiam que eu havia sido atleta paraolímpico. Normalmente não se conhece o portador de deficiência, seus limites e possibilidades. É fundamental o profissional que lida com o portador ter conhecimentos básicos sobre as deficiências para saber, por exemplo, que não se deve levar um *tetra* [tetraplégico] até a beira de uma piscina, porque se ele se arrastar poderá se machucar etc.

Como o professor pode despertar o interesse do aluno deficiente para a prática esportiva?

M – O profissional tem que mostrar a este aluno que ele tem condições de participar das atividades. Acho que é assim que se começa

a desmistificar a idéia de que o deficiente está travado na cadeira e que por conta disso não pode fazer nada. Há tantas práticas que podem ser adaptadas às condições do deficiente... eu posso jogar tênis de mesa, nadar, correr na cadeira... vai depender de o profissional de educação física ter habilidade para entender isso e apresentar as possibilidades para o seu aluno. O esporte traz, especialmente para o portador, a idéia de superação. Eu já nadei em competições em mar aberto. Para mim não importava ganhar, até porque só competia comigo mesmo. Minha vitória era saber que chegaria do outro lado. Acontece que para eu conseguir chegar até esse ponto foi preciso despertar para a idéia de que, apesar da cadeira, eu conseguiria praticar esporte. ►



Eu praticava pólo aquático antes de ficar na cadeira, mas entendi que podia continuar nadando, mesmo na minha atual condição. Por isso é importante o professor que lida com portadores e o professor de uma forma geral saberem motivar seus alunos.

Mas os profissionais que saem da universidade não estão preparados para trabalhar com a atividade física adaptada...

S – Existe uma distância entre o que faculdade faz e o que o mercado pede. O curso de educação física não prepara o profissional para trabalhar com atividade adaptada. O termo é abrangente; inclui, por exemplo, o diabético, o cardíaco, o hipertenso etc., e o espaço destinado a esta discussão no curso é mínimo. O resultado é que o estudante de educação física não se sente estimulado a se aprofundar no assunto. Quando sai da

universidade, sai inseguro e é assim que chega na escola para lidar com um portador. Geralmente fica sem saber o que fazer. Não é fácil, de fato, incluir um portador em uma turma regular, tem que ter preparo para isso. O que mais acontece é alijá-lo das aulas ou separá-lo em uma atividade especial só para ele, o que também não funciona, não é inclusivo. Acho que a prática vai indicando caminhos para lidar com o aluno portador.

M – Às vezes me chamam nas faculdades para dar palestra sobre educação física adaptada. E o que percebo é que lá ainda há muitos profissionais que tratam do assunto da deficiência sob o ponto-de-vista da doença e deixam de fora a prática da atividade física. O tema atividade física adaptada é dado no final do curso de educação física, em uma fase em que os alunos já escolheram o que querem fazer de suas carreiras. Só quem já conhece antes disso é que se interessa em saber que dentro

da deficiência existe um esporte para praticar. Mas são poucos. Nas palestras que eu fazia na faculdade costumava dizer que muitos ali se formariam e não saberiam o que fazer com um aluno portador. Isso realmente acontece. Nas academias, por exemplo, não há profissionais para trabalhar com esse público nem adaptações de espaço necessárias. Só conheço uma no Rio – no Sesc de Madureira –, adaptada para receber portadores de deficiência e com profissionais aptos a trabalhar com eles.

Em outros países há também um grande desconhecimento dessa área?

S – Conversei certa vez com a presidente de uma espécie de federação mundial de educação física adaptada, uma alemã. Ela me falou que era uma grande preocupação de sua instituição a forma como o tema era abordado na universidade. Contou que na Universidade de Colônia tinha um modelo bastante interessante: em todos os

conteúdos (basquete, natação, vôlei, futebol etc.), ao longo do curso de educação física, a atividade física adaptada era contemplada. Essa proposta é muito interessante e, aqui, apenas poucos cursos tratam desta forma a atividade adaptada. Hoje até já se fala mais (acho que em todo o mundo) sobre a atividade física adaptada. Mas lá se vão 27 anos desde que o movimento começou, nos anos 80. Acho, sinceramente, que o ganho ainda é pouco. Mas fico feliz, por exemplo, quando passo pela Vila Olímpica da Maré ou venho aqui no Ciad e vejo o portador se exercitando. Penso logo que há 15, 20 anos os idosos não se exercitavam e hoje todos eles se exercitam, de alguma forma. Acho que com os portadores acontecerá o mesmo.

E com a realização do Parapan...

S – Certamente haverá um ganho. Pode até não ser tanto quanto a gente espera, mas algo vai mudar, não tenha dúvida. ■

OBRA DE AMPLIAÇÃO DE OPORTUNIDADES

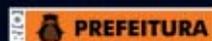
**CASAS DE CAPACITAÇÃO
PROFISSIONAL**



**CONHEÇA E
DIVULGUE**

Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



www.obrasocial-rj.org.br

As estrelas dos bastidores

Quinze mil voluntários estarão a postos para garantir o sucesso dos Jogos Pan-americanos no Rio

DIVULGAÇÃO/ CO-RIO



Paula Hernandez é a responsável pelo processo de seleção dos voluntários

TEXTO Durante os Jogos Pan-americanos, os olhos do mundo estarão voltados para o Brasil. Milhões de pessoas sintonizarão suas TVs nas competições. Mas o que poucos sabem é que, para fazer essa grande roda girar, 15 mil voluntários trabalharão sem descanso antes e durante o evento. Nos Jogos Parapan-americanos, serão mais 5 mil.

FABIO ARANHA

FOTOS

DIVULGAÇÃO/ CO-RIO E

ALBERTO JACOB FILHO

A gerente de Voluntariado do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos 2007 (Co-Rio), Paula Hernandez, tem a melhor expectativa possível quanto ao trabalho dos voluntários. “O carioca é receptivo, tem bom humor e jogo de cintura, o que é ótimo para um evento como os Jogos”, comenta.

O processo de seleção começou no ano passado, quando cerca de 80 mil pessoas se cadastraram no Co-Rio. Desse total, foram selecionados, através de dinâmicas de grupo e entrevistas, os 15 mil que comporão os quadros do Pan de 2007. Os escolhidos trabalharão em 59 áreas que incluem administração, bilheteria, Vila Pan-americana, departamento de compras, logística, serviço médico, financeiro, marketing, assessoria de imprensa e limpeza. As três áreas que mais precisarão de voluntários são, pela ordem, serviço ao espectador, transporte e competições esportivas.

A maior parte dos voluntários tem entre 18 (a idade mínima para participar) e 30 anos e é composta de universitários, mas existem pessoas de todas as idades. O voluntário com mais idade tem 84 anos (leia no quadro). Do total, 51% são homens e 49%, mulheres. Há voluntários de todos os estados do Brasil e até 50 selecionados vindos de outros países, mas 80% são da Região Sudeste. O Estado do Rio de Janeiro é o campeão de participação: dos 15 mil voluntários selecionados, 10 mil são fluminenses.

Os selecionados para atuar no credenciamento e na distribuição de uniformes começam a trabalhar ainda em junho. Os designados para a Vila Pan-americana começam no dia 3 de julho, data prevista para a abertura do empreendimento aos atletas. Também no dia 3 os voluntários alocados nos aeroportos e nos locais de treinamento iniciam as suas atividades. Com o início das competições no dia 13 de julho, todo o pessoal da área das disputas esportivas, do serviço ao espectador, da assessoria de imprensa e demais funções estará mobilizado.

O treinamento dos voluntários residentes na cidade do Rio de Janeiro foi feito em três etapas. No final de maio eles tiveram o treinamento geral e em junho terão o específico de cada área. A terceira etapa consiste do reconhecimento das instalações e locais de competição. Já os voluntários não-residentes na cidade receberão treinamento intensivo a uma semana do início dos Jogos.

Oportunidades à vista – Trabalhar como voluntário é uma oportunidade de conhecer novas culturas e de vivenciar os bastidores de um megaevento esportivo como os Jogos Pan-Americanos. Essa é a opinião de Wagner Santos Coelho, de 28 anos, professor universitário de educação física, que trabalhará como *attaché* (espécie de assessor) da delegação dos Estados Unidos. Ele permanecerá na Vila Pan-americana e sua função será fazer a ponte entre o Co-Rio e a delegação norte-americana, além de auxiliá-la no dia-a-dia do evento, principalmente, em função da diferença de línguas.

Wagner já participou como voluntário dos Jogos Sul-americanos de 2002, realizados em quatro cidades brasileiras, inclusive no Rio, e espera duas semanas de trabalho intenso. “Sei que vou trabalhar muito, inclusive nos finais de semana, e que vou ser bastante exigido. Mas vai ser um trabalho muito dinâmico e interessante. Vou ter a oportunidade de ver como as coisas acontecem, como se organiza um evento desse porte. Para mim, que sou da área de educação física, será uma oportunidade de fazer contatos profissionais. Faço doutorado em bioquímica na UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro] e também quero conhecer pessoas que trabalham nesse campo em áreas ligadas ao esporte, como *doping*”, ressalta.

Já a universitária Renata Sussmann, de 20 anos, que estuda *design* na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), vê no voluntariado uma oportunidade para praticar

o inglês. Ela também trabalhará como *attaché* junto à delegação das Antilhas a partir do dia 3 de julho, dia seguinte ao seu 21º aniversário. Renata acredita que os Jogos vão melhorar a imagem do Brasil. “O Pan será importante para podermos mostrar que não há só violência em nosso país e que somos capazes de organizar um grande evento. O Brasil está precisando desse empurrãozinho. Vai ser uma experiência nova, diferente. Estou muito empolgada”, diz.

A coordenadora, Paula Hernandez, afirma que o Pan será uma experiência fantástica para a cidade. “Trata-se do segundo maior evento esportivo do mundo, perdendo apenas para as Olimpíadas. Acredito que será algo muito bacana de acontecer no Rio, que ganhará visibilidade. A cidade receberá muitos espectadores e jornalistas. Quando você junta a beleza do Rio de Janeiro e o esporte, forma-se uma combinação ideal para os Jogos”, conclui. ■

ALBERTO JACOB FILHO

Experiência a serviço do Pan

O amor ao esporte não tem idade. Prova disso é Édén Francisco Lopes. Aos 85 anos, é o voluntário de mais idade do Pan 2007. Seu Édén tem larga experiência no mundo do esporte. Foi diretor da Confederação Brasileira de Pugilismo e o primeiro brasileiro a ser jurado internacional do esporte, participando do Pan de 1963 em São Paulo e das Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. Foi ao acaso que Seu Édén trocou o boxe pelo remo. Dentista de carreira, um de seus clientes se tornou presidente da Confederação Brasileira de Remo (CBR) e, sabedor de sua larga experiência, o convidou para integrar os quadros da entidade. Desde então, lá se vão 27 anos de dedicação ao remo. Atualmente, é presidente do conselho fiscal da CBR.

Apesar do longo currículo, um obstáculo quase o impediu de se tornar voluntário. “Quando fui me inscrever pela internet, vi que o programa só ia até os 78 anos. Foi preciso entrar em contato com o Co-Rio e avisar que sou velhinho, mas ainda estou inteiro”, se diverte. Resolvida a questão, Seu Édén, carinhosamente apelidado de “Vovô do Pan”, garantiu o seu lugar nas competições de remo. E prevê fortes emoções.

“A seleção brasileira nunca esteve tão bem treinada, mas teremos competição dura contra EUA, Cuba e Canadá. Vamos ter que nos esforçar muito para ganhar medalhas”, afirma.



O torcedor

CONTO DE EDUARDO GALEANO

ARTE DE CLÁUDIO GIL

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio.

Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada.

Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juizes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros.

É raro o torcedor que diz: "Meu time joga hoje". Sempre diz: "Nós jogamos hoje". Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurra a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música.

Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval. ■

Texto gentilmente cedido pelo autor, extraído do livro *Futebol ao sol e à sombra*, L&M, 2004. Eduardo Galeano é jornalista e escritor uruguaio.

A hora e a vez da superação

Atletas portadores de necessidades especiais competem nas mesmas modalidades do Pan 2007

Nos Jogos Parapan-americanos de 2007 serão disputadas 10 modalidades esportivas, todas integrantes da programação dos Jogos Paralímpicos. São muito parecidas com as suas correspondentes convencionais. Conheça melhor as modalidades, juntamente com os critérios de classificação do Comitê Paralímpico Internacional, adotados para um maior equilíbrio entre os atletas, tendo em vista as suas deficiências.



Atletismo – É um dos esportes paraolímpicos mais abrangentes, podendo competir amputados, cegos, pessoas em cadeiras de rodas, com

paralisia cerebral e com deficiência mental. As classes 11, 12 e 13 reúnem atletas com diferentes graus de deficiência visual. A classe 20 representa os atletas com deficiência mental. As classes 32 a 38 agrupam pessoas com paralisia cerebral, sendo que os que usam cadeira de rodas ficam entre a 32 e a 34, e os que podem andar, entre a 35 e a 38. Já as classes de 40 a 46 cobrem atletas com diferentes níveis e tipos de amputação que podem usar próteses, e outras deficiências, como o nanismo. Por último, as classes de 51 a 58 reúnem atletas em cadeiras de rodas com diferentes níveis de lesão na medula ou amputação. Algumas provas são disputadas por atletas de uma única classe, outras podem reunir classes próximas. Todas elas ocorrerão no Estádio Olímpico João Havelange.

Basquete em cadeira de rodas – Disputado por paraplégicos e amputados. O tamanho da quadra e a altura da cesta



seguem as mesmas especificações utilizadas no basquete olímpico. Os torneios masculino e feminino ocorrerão na Arena Olímpica do Complexo Esportivo do Autódromo.

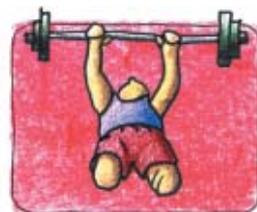
Futebol de 5 – É jogado por portadores de deficiência visual. Os times têm quatro jogadores na linha e um goleiro. Os jogadores usam vendas para igualar os diferentes níveis de deficiência visual. O goleiro é o único que pode enxergar, mas não pode sair de uma pequena área retangular. As dimensões da quadra são idênticas às do futsal e a bola tem um guizo no interior para orientar os atletas. Atrás do gol adversário ficam os “chamadores”, que orientam os atletas nos chutes a gol. Praticado apenas por homens, a modalidade está marcada para o Complexo Esportivo do Riocentro.



Futebol de 7 – Praticado por paralisados cerebrais. Cada time conta com o goleiro e mais seis jogadores de linha. O

gol e o campo são um pouco menores do que os do futebol tradicional, não há impedimento e o lateral pode ser batido com apenas uma das mãos. De resto, as regras são as mesmas adotadas pela Fifa. Também disputado apenas por homens, ocorrerá no Complexo Esportivo do Riocentro.

Halterofilismo – Pode ser disputado por paralisados cerebrais, paraplégicos e amputados dos membros inferiores, que são dividi-



TEXTO

IVAN KASAHARA,

REPÓRTER-REDATOR DO

PROGRAMA SÉCULO XXI

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO

dos em categorias de acordo com o peso de seus corpos. Em todas as categorias os atletas competem deitados. Paralisados cerebrais podem curvar as pernas e se amarrar com uma ou duas faixas para evitar movimentos involuntários. Todos os atletas recebem o peso com os braços esticados e precisam abaixá-lo até o peito, mantê-lo imóvel e erguê-lo novamente. O local de provas ainda não foi definido. Provas masculinas: até 48kg; até 52kg; até 56kg; até 60kg; até 67,5kg; até 75kg; até 82,5kg; até 90kg; até 100kg; e acima de 100kg. Provas femininas: até 40kg; até 44kg; até 48kg; até 52kg; até 56kg; até 60kg; até 67,5kg; até 75kg; até 82,5kg; e acima de 82,5kg.



Judô – Reúne atletas cegos e com baixa visão. As únicas diferenças para o judô olímpico são a interrupção da luta quando os oponentes perdem o contato e a ausência

de punição para quem sai da área de combate. De resto, as regras são as mesmas, inclusive o sistema de pontuação. As lutas estão marcadas para o Complexo Esportivo do Riocentro. Provas masculinas: até 60kg; até 66kg; até 73kg; até 81kg; até 90kg; até 100kg; e acima de 100kg. Provas femininas: até 48kg; até 52kg; até 57kg; até 63kg; até 70kg; até 78kg; e acima de 78kg.

Natação – Competem atletas com deficiência visual ou mental, paralisia cerebral, lesão na medula e amputados. As provas



variam de acordo com as deficiências. As classes de S11 a S13 são reservadas para os competidores com deficiência visual, sendo a S11 para cegos totais e a S13 para quem tem o grau mais leve da deficiência. Os demais atletas separam-se entre as classes S1 e S10, para os estilos livre, costas, peito e borboleta; e de SM1 a SM10, para as provas *medley*. Quanto mais alto o número da classe, menor o grau de

comprometimento do atleta. Todas as provas ocorrerão no parque aquático do Complexo Esportivo do Autódromo.



Tênis em cadeira de rodas – Praticado por pessoas com deficiência em uma ou nas duas pernas. A principal e uma das únicas diferenças em relação

ao tênis tradicional é que a bola pode quicar até duas vezes na quadra do competidor antes de ser rebatida. As partidas dos torneios masculino e feminino, de simples e de duplas, serão disputadas no Marapendi Country Club.

Tênis de mesa

– As regras são praticamente as mesmas das de seu correspondente convencional. É jogado por homens e mulheres com paralisia cerebral, amputados e pessoas em cadeira de rodas. As classes de TT1 a TT5 envolvem os competidores em cadeiras de rodas. As de TT6 a TT10 reúnem os atletas que jogam em pé. O local das partidas ainda será definido.



Vôlei sentado – Podem jogar amputados dos membros inferiores ou superiores, paralisados cerebrais, lesionados na coluna vertebral e pessoas com outros tipos de deficiência locomotora. Os atletas jogam sentados e as principais diferenças nas regras em relação ao vôlei tradicional se devem a essa posição dos jogadores. Por exemplo, a quadra e a altura da rede são menores, mas o sistema de pontuação é o mesmo. A modalidade, disputada apenas por homens, terá partidas realizadas no Complexo Esportivo do Riocentro. ■



SAIBA MAIS

Mais informações sobre o Parapan e as classificações nas provas de pista e nas de campo podem ser obtidas em:

- http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=2070
- http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=2071

Uma história muito rica. Literalmente.

Prêmio D. João VI. Faça parte das homenagens da Prefeitura do Rio ao bicentenário desta data tão importante.

Envie o seu material em um envelope lacrado para o Palácio da Cidade, na Rua São Clemente, 360

Botafogo e participe. Você vai entrar para a história.



As inscrições do concurso vão até o dia 21/12/07.
Mais informações: comissaodjvi@pcrj.rj.gov.br

ARQUIVO RIOURBE



1

A maior obra dos últimos 50 anos

O Estádio Municipal João Havelange, popularmente conhecido como Engenhão, é a maior obra realizada na cidade desde a inauguração do Maracanã, construído para a copa do mundo de 1950. O estádio está localizado no bairro do Engenho de Dentro, na Zona Norte, e sediará

AGÊNCIA MY ZOOM

2



1. Maquete do Engenhão. O estádio contará com campo de grama; pista de aquecimento; nove raias de atletismo; setor para salto triplo, com vara e a distância, e pista de dardo

2. As obras começaram em 2003 em uma área de 200 mil metros quadrados que pertencia à Rede Ferroviária Federal S. A.

as competições de atletismo e futebol dos Jogos Pan-americanos 2007, sendo o palco de 17 modalidades. Com capacidade para 45 mil espectadores, o Engenhão poderá ser ampliado para abrigar 60 mil. O local contará com 50 lojas, teatro e restaurante. Depois do Pan, o estádio poderá ser usado pelos clubes de futebol cariocas e para sediar eventos esportivos diversos e também *shows*. Mais de 3 mil operários estiveram envolvidos na execução da obra, além de engenheiros, arquitetos e técnicos especializados. No total, a Prefeitura investiu cerca de R\$ 380 milhões. “O estádio está trazendo enormes benefícios para os bairros do seu entorno. As obras realizadas trouxeram melhorias de infra-estrutura e houve valorização dos imóveis na região. O Engenhão melhorou a auto-estima dos moradores locais”, afirma o secretário municipal de Obras, Eider Dantas. Confira aqui as etapas da construção. ■

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ARQUIVO

RIOURBE/SECRETARIA

MUNICIPAL DE OBRAS

RIOURBE/ TATIANA NORONHA



3

RIOURBE/ TATIANA NORONHA



4

AGÊNCIA MY ZOOM



5

3. O trabalho dos operários resultou em uma obra sem precedentes na América Latina

4. A cobertura tem um isolamento térmico e acústico que diminui o ruído da chuva e não transmite calor para o público

5. O Engenhão foi feito a partir de um complexo projeto baseado em pontos de equilíbrio. Arcos de aço sustentam a cobertura do estádio

Jogos que melhoram a auto-estima

Como componente curricular a educação física deve proporcionar a todos os alunos a oportunidade de experimentar uma prática corporal que desenvolva democraticamente as possibilidades de movimento e pensamento, buscando legitimar os diferentes canais e procedimentos de aprendizagem que se estabelecem nas dimensões afetiva, cognitiva, motora e sociocultural. A prática de atividades físicas e esportivas para portadores de deficiência tem se mostrado de grande importância para o processo de socialização e de inclusão, principalmente, para a melhoria das condições de vida.

O reconhecimento da prática esportiva, formal ou não, como agente de interação, transformação e inclusão, além da contribuição no desenvolvimento da auto-regulação e das funções psicológicas mais complexas, vem assegurando a participação de um maior número de alunos e a conseqüente melhoria do desempenho escolar. A partir das experiências com os Jogos Especiais, o então professor da Rede Sérgio Coelho criou em 1999 os Jogos Inclusivos da Cidade do Rio de Janeiro, com a participação de poucas escolas da Rede.

A partir de 2000, com a certeza de estar no caminho certo, ele ampliou esse projeto com o objetivo de estimular a prática esportiva na escola, promovendo o intercâmbio por meio do desporto entre alunos com e sem deficiência. Os Jogos, desde o início, provaram ser fundamentais para a integração entre esses alunos. Durante as competições, alunos e professores de nossas escolas descobrem que pessoas com alguma deficiência também são capazes de ultrapassar seus limites, desmistificando assim o preconceito e o estigma na relação com portadores de necessidades especiais. Os Jogos Inclusivos são realizados em duas etapas. A primeira, de forma regionalizada nas 10 CREs; e a segunda, ao final do ano, com a participação de 100 alunos, sorteados, de cada CRE. São 1.000 alunos no total com e sem deficiência, interagindo de forma harmoniosa e cooperativa. A competição oportuniza a participação de qualquer aluno com deficiência ou não matriculado no ensino fundamental.

As provas são selecionadas a partir das habilidades necessárias à prática dos esportes coletivos e do atletismo. Para alunos com maior grau de comprometimento motor, são oferecidas provas de lançamento de saco de areia e de deslocamento em ziguezague com ajuda. Os demais alunos podem optar pelo lançamento de pelotas, salto em distância sem corrida, bola ao arco, bola ao alvo, ziguezague livre e com drible de futebol, chute a gol e cabo de guerra como modalidade coletiva. Os alunos são inscritos de acordo com os índices enviados pelos professores, após treinamento na escola, e separados por séries para a competição. A premiação acontece ao final das provas, após a realização de cada série. Quando o aluno não consegue a classificação em 1º, 2º ou 3º lugares durante a competição, ao final será premiado com uma medalha de participação.

A importância deste evento ultrapassou o seu objetivo inicial. Mais do que um meio facilitador do processo de inclusão, os Jogos Inclusivos são imprescindíveis ao desenvolvimento dos alunos, tanto os que apresentam deficiência quanto os demais. O retorno à escola com as medalhas e camisas concretiza para os que não participam a conquista de possibilidades de convívio e de aprendizagem antes desconhecidas.

Segundo relato de professores titulares das turmas participantes e dos professores de educação física, alunos que apresentam alguma dificuldade na aprendizagem, deficientes ou não, após a participação nos Jogos Inclusivos, apresentam ganhos no desenvolvimento, observados desde a auto-estima e a autonomia até no desempenho nas atividades. Para os professores, os Jogos oportunizam a observação de mudanças significativas na participação de todos os segmentos da comunidade escolar e na consciência de seus próprios trabalhos como agentes de inclusão. Os que participam dos Jogos investem esforços e conhecimentos nesta área da educação física, confirmando a importância do convívio na diversidade como oportunidade de crescimento e humanização. ■

ALBERTO JACOB FILHO



Susan Habib

Professora de educação física do Instituto Helena Antipoff e do Ciep Presidente Salvador Allende.

Diversão sem complicações

Esquema especial de transportes no Rio vai facilitar a vida de quem for assistir aos jogos do Pan



Uma das preocupações de quem organiza uma competição como a dos Jogos Pan-americanos é o planejamento, para que o trânsito não seja problema. Com isso em mente, os organizadores do Pan fizeram o dever de casa: um plano para organizar o transporte na cidade.

A prioridade será deslocar com rapidez atletas, árbitros e demais pessoas envolvidas nos Jogos para os locais de competição. Por isso, algumas das principais vias serão parcialmente interditadas para garantir o acesso. “Será criada uma rede de faixas exclusivas nas Linhas Amarela e Vermelha, Avenidas Ayrton Senna, Abelardo Bueno e Brasil. Apenas os envolvidos com os Jogos e os ônibus municipais poderão passar. Haverá fiscalização ao longo dessas vias e quem desrespeitar as regras será multado”, explica o coordenador de transportes dos Jogos, Carlos Maiolino.

O dia mais crítico será o da abertura, 13 de julho, no Maracanã. A previsão é de que mais de 2.500 atletas compareçam à cerimônia. Para amenizar os efeitos no trânsito, servidores municipais, estaduais e federais terão ponto facultativo nesse dia. Muitas empresas privadas também deverão liberar seus empregados, já que vias próximas ao estádio estarão bloqueadas, incluindo as Avenidas Maracanã, Radial Oeste e Rua Eurico Rabelo, o que dificultará o acesso ao Centro. Somente os moradores poderão furar o bloqueio.

As competições estão concentradas em quatro núcleos na cidade. No da Barra da Tijuca, estão dois pólos de competição: o do Autódromo e o do Riocentro. No primeiro, estão o parque aquático, onde acontecerão as provas de natação, nado sincronizado e saltos ornamentais; uma arena que sediará ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

MAPA

DIVULGAÇÃO

os jogos de basquete e a ginástica artística; e o velódromo, que terá ciclismo e patinação. O pólo do Riocentro terá quatro pavilhões onde serão realizadas competições de lutas marciais, esgrima e handebol. Lá também ficará o Centro de Mídia, que receberá jornalistas do mundo inteiro. O núcleo da Barra inclui ainda a Cidade do Rock, onde serão disputadas partidas de beisebol e softball; o Morro do Outeiro, onde ocorrerão as provas de *mountain bike*; o Clube Marapendi, que sediará o tênis; e o Barrashopping, que abrigará o boliche.

Por toda a cidade – O segundo núcleo é o do Maracanã, que inclui o complexo esportivo homônimo e o Estádio João Havelange, mais conhecido como Engenhão, no Engenho de Dentro. No Maracanã, serão realizadas as cerimônias de abertura e término dos Jogos, além das partidas de futebol masculino; no Maracanãzinho, as de vôlei; e no Parque Aquático Júlio Delamare, as de pólo aquático; no Engenhão acontecerão competições de atletismo, de futebol masculino e feminino. O terceiro núcleo é o de Deodoro, formado pelo Centro Esportivo Miécimo da Silva (caratê, futebol, patinação artística e *squash*), em Campo Grande, e a Vila Militar (hipismo, tiro e hóquei sobre grama e pentatlo moderno). O quarto núcleo é o do Pão de Açúcar, que inclui a Marina da Glória (vela), o Parque do Flamengo (atletismo e ciclismo), a Praia de Copacabana (maratonas aquáticas, triatlo e vôlei de praia) e a Lagoa Rodrigo de Freitas (canoagem de velocidade, esqui aquático e remo).

Carlos Maiolino afirma que quem puder evitar o uso de carro durante o Pan deverá fazê-lo, pois a interdição de faixas em vias importantes da cidade terá impacto no trânsito. O mesmo vale para quem pretende assistir às competições, pois não haverá lugar para estacionar, já que os estacionamentos serão usados pela organização dos Jogos. Uma opção são os táxis. Todos os locais de competição contarão com pontos de táxis. Mas a grande aposta é o transporte público, metrô, trem e ônibus. Para facilitar a locomoção aos locais dos Jogos, haverá um esquema especial, que incluirá a operação de linhas expressas, com veículos ligando os locais de competição e integrando-os a estações de metrô, trens e o Terminal Rodoviário Alvorada, na Barra.

Existem linhas ligando a cidade ao pólo da Barra, onde acontece o maior número de competições. Desde março está operando uma linha especial de integração metrô-ônibus da estação Siqueira Campos, em Copacabana, até o Alvorada. Outra linha ligará o terminal rodoviário ao Engenhão. Uma terceira ligará o Alvorada à estação de Del Castilho, da Linha 2, que fica a apenas três estações do Maracanã e passará ainda pelo Riocentro. Essa linha é uma boa alternativa para todos os passageiros que pretenderem usar o metrô durante os Jogos. De Del Castilho, sairá outra linha até o Engenhão. Do Alvorada, também sairão duas linhas circulares que servirão apenas à área da Barra e levarão ao Autódromo e ao Riocentro. Todas as linhas que saem da Barra passam pelos principais *shoppings* da região. Portanto, outra opção é ir de carro até os *shoppings*, deixar o veículo no estacionamento e pegar uma das linhas expressas ou circulares. Para quem vai da Zona Sul ao Engenhão, a melhor opção é ir de metrô até a Central do Brasil e de lá pegar o trem até Engenho de Dentro. Outra alternativa é ir de metrô até Del Castilho e tomar a linha expressa até o estádio. Carlos Maiolino afirma que as linhas de ônibus especiais, principalmente as do metrô, têm tudo para se tornar permanentes depois do fim dos Jogos. “Isto será um legado importante da competição, pois ajudará a estruturar o transporte da cidade”.

O trem é ótima opção para quem vai ao Engenhão. A estação do Engenho de Dentro fica na porta do estádio e está sendo reformada. Além disso, existem duas estações (Maracanã e São Cristóvão) que deixam o espectador perto do complexo do Maracanã. Também visando o Pan, o ramal de Deodoro, que inclui as duas estações, conta com novas composições. Além disso, o Maracanã já tem mais de 50 linhas de ônibus que passam pelo local, vindas de toda a cidade. Já os equipamentos do núcleo do Pão de Açúcar contam com mais de 100 linhas de ônibus, além do metrô. Os únicos equipamentos que podem ser acessados de carro são os do núcleo de Deodoro. Lá será montado um estacionamento de onde sairão ônibus que levarão o público aos locais de competição. Da estação da Vila Militar também sairá uma linha de ônibus em direção aos eventos do Pan situados na região. ■

MULTIRIO antenada no Pan

Programação de TV, sites, portal e revista destacam a edição carioca dos Jogos de 2007

Um evento como os Jogos Pan-americanos não acontece todo dia. Para marcar o Pan da Cidade Maravilhosa, a MULTIRIO está recheando a sua programação de TV, o portal, os sites Século XX1 e Rio Mídia e as páginas da revista NÓS DA ESCOLA com conteúdo sobre a competição.

Quem visitar o portal (www.multirio.rj.gov.br), encontrará uma coletânea de poemas produzidos em 20 países dos continentes americanos, na língua original, e traduzidos para o português. Terá também um mapa navegável das três Américas com informações sobre os países que participarão do evento, matérias com escolas que estão trabalhando o Pan em múltiplas áreas de conhecimento, e também sobre o Dia Pan-americano, com informações sobre a origem da data (14 de maio), e sobre iniciativas que historicamente buscam consolidar a união e a cooperação entre os países da região.

O internauta também poderá ler no portal uma entrevista com a historiadora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Cecília Azevedo sobre identidade e diversidade americanas; uma análise do Instituto Helena Antipoff sobre os Jogos Parapan-americanos (Parapan); artigo da professora de educação física Susan Habib (*ela escreve no Rede fala desta edição, na pág. 20*), coordenadora dos Jogos Inclusivos; e trechos de programas da MULTIRIO já veiculados sobre o Pan. O portal traz ainda matérias publicadas em 2006 que falam sobre a história dos Jogos, o projeto Aprendendo com o Pan-americano e sobre o lançamento do projeto Promoção de Saúde nas Escolas Rumo ao Pan 2007 Livre do Tabaco.

Já o Século XX1 preparou atualizações para a CHAVE Esporte, com perfis dos alunos-atletas e professores-treinadores das escolas da rede municipal. Há ainda quatro matérias, a serem incluídas em junho, sobre os equipamentos do Pan que ficarão como legado para a cidade, e textos que entrarão no site em julho, sobre o Parapan. O Século XX1 disponibiliza

também matérias publicadas no ano passado, que mostram como ficará a cidade depois da competição, falam dos esportes que serão disputados e dos candidatos a medalhas, entre outros temas. O Rio Mídia publicará matérias sobre a relação entre esporte, mídia e jovens. Serão ouvidos os estudantes das escolas da rede municipal do Rio de Janeiro e o foco será em temas como o impacto do esporte na vida das pessoas, a busca pela fama, a cultura do corpo e a relação entre esporte e consumo, entre outros assuntos.

Desde maio apresentando edições sobre os Jogos, a partir de julho o programa *Rio, a Cidade!* terá uma edição inédita por semana entrevistando personalidades envolvidas com o Pan. Serão tratados temas como os bastidores dos Jogos, o seu impacto no Rio de Janeiro, os cariocas que trabalharão no evento e as inovações tecnológicas que estarão a sua disposição. O programa também fará um balanço sobre o Parapan depois do evento. Há disponível na MULTIRIO edições do *Rio, a Cidade!* sobre os Jogos, que remontam a 2003. Já a equipe do programa *Nós da Escola* preparou três edições especiais sobre os Jogos Pan-americanos. A primeira foi ao ar em 2 de maio com depoimentos de ídolos do esporte e duas exposições sobre o Pan, entre outros temas esportivos. O segundo programa irá ao ar em 20 de junho e será todo sobre o Parapan. Além de conversar com o campeão mundial de atletismo adaptado, Felipe Gomes, e de falar das seleções de vôlei e basquete adaptados e da equipe de atletismo, o *Nós da Escola* dará destaque às escolas da Prefeitura do Rio que oferecem atividades esportivas a crianças com deficiência.

A revista NÓS DA ESCOLA publica desde 2004, a partir da edição 22, a seção *Pan* que trata de temas relacionados direta ou indiretamente aos Jogos. Este ano, a seção inovou e vem mostrando aspectos culturais das Américas, além de contos de autores do continente. ■

TEXTO

FABIO ARANHA

Integração que vale a pena

Promovendo os Jogos Estudantis, a SME aposta nas possibilidades de aprendizagem do esporte

O esporte é antes de tudo uma reunião social, com papéis e expressões distintos, e praticado em muitos espaços, para diferentes populações. E por se revelar um fenômeno social de grande relevância recebe atenção cada vez maior da sociedade.

Recentes pesquisas apontam que por meio do esporte as crianças aprendem que entre elas e o mundo existe o outro, e que para a boa convivência social é preciso respeitar regras e comportamentos.

A escola é um dos lugares onde o esporte está presente, talvez a atividade preferida da maioria dos alunos. Mas entre especialistas essa presença gera polêmica. Para alguns pesquisadores o esporte na escola apenas reproduz e reforça a busca do rendimento, do sucesso, do primeiro lugar. Quem não tem treinamento adequado ou condição de superação constante fica de fora, está excluído.

Os valores e relações desenvolvidos para atingir um rendimento estabelecido, e a competição acirrada, exacerbada, são contrários aos princípios da educação escolar que visam à valorização da aprendizagem através do respeito à diversidade e da inclusão. Além disso, a inflexibilidade das regras estabelecidas para cada modalidade esportiva gera frustração e acomodação nos alunos que não conseguem resultados positivos dentro de um padrão definido para atletas, afirmam especialistas no assunto.

Ao promover anualmente os Jogos Estudantis, a Secretaria Municipal de Educação (SME) aposta nas inúmeras possibilidades de aprendizagem que o esporte propicia, em relação ao desenvolvimento da independência, autoconfiança, cooperação, respeito, solidariedade e responsabilidade. Além disso, promove a integração entre alunos, professores e diretores das 10 coordenadorias regionais (CREs).

Os Jogos Estudantis da Cidade do Rio de Janeiro são um projeto que reúne aproximadamente 20 mil pessoas por ano, entre organizadores, alunos, professores e diretores da rede municipal. O sucesso de um projeto desse porte está diretamente vinculado a sua organização, objetivos e regulamento, elaborado de forma participativa, flexível, e sujeito a mudanças antes de cada edição.

Com uma estrutura descentralizada, cada CRE tem uma equipe de 10 a 12 professores (de três a quatro coordenadores e de sete a oito árbitros) que organizam os torneios das modalidades de quadra. Todos os árbitros são professores de educação física da SME, para garantir que as interferências estejam adequadas aos alunos e não a atletas. As outras modalidades são arbitradas pelas respectivas federações, devidamente orientadas para atuarem em uma competição estudantil.

Os Jogos Estudantis abrangem oito modalidades esportivas, distribuídas em quatro categorias: pré-mirim (9/10 anos), mirim (11/12 anos), infantil (13/14 anos) e infanto-juvenil (15

TEXTO

CRISTINA DOS SANTOS BRUM,
PROFESSORA
DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ARTE

DAVID MACEDO

anos). As de quadra – basquete, handebol, futsal e voleibol – são disputadas em duas fases: a primeira, regional e a segunda, municipal, reunindo os finalistas da primeira fase. As outras modalidades – atletismo, natação, tênis de mesa e xadrez – são realizadas em uma única fase.

Todos os alunos classificados em até terceiro lugar em cada modalidade, categoria e sexo são premiados com medalhas, e as escolas, com troféus. Cada fase, em cada modalidade, pontua a escola e as classificadas até em 20º lugar recebem um *kit* de material esportivo, e seus professores são presenteados com agasalhos e bolsas esportivas. A unidade escolar contemplada em primeiro lugar na classificação geral recebe um troféu comemorativo.

Durante todo o processo são feitas avaliações com os professores participantes em cada CRE. A opinião deles ao longo dos seis meses de convivência e os relatórios mensais dos coordenadores são indicadores que auxiliam a elaboração de cada versão do regulamento geral.

Não é tarefa fácil encontrar pontos comuns em um universo tão grande como esse (aproximadamente 360 escolas). Entretanto, a cada ano observa-se um número maior de participantes que apostam na finalidade do projeto – todos reconhecem a necessidade de envolvimento de todo o corpo docente e não somente do professor de educação física.

Os professores das escolas participantes todos os anos relatam as transformações que observam nos alunos que ingressam nos Jogos Estudantis. Estes passam a ser referência dentro da escola, melhoram a atenção e a concentração em sala de aula, mantêm vínculo mais afetivo com a instituição, ficam mais seguros e autoconfiantes.

Mas o que é inesquecível para os alunos participantes, o que fica guardado na memória de cada um, o que se conta e reconta para os familiares e colegas de turma é o fato de ser protagonista em um evento tão grandioso, em locais vistos por poucos, somente pela televisão, como o Estádio Célio de Barros, o Parque Aquático Julio DeLamare ou o Centro Esportivo Miécimo da Silva. Correr em uma pista ou nadar em uma raia onde ídolos e grandes atletas se consagraram deixa meninos e meninas fascinados e cheios de sonhos.

As atividades obedecem a um intenso cronograma, de junho a dezembro, que inclui desde a escolha dos locais de jogos, congressos técnicos, organização de tabelas, reunião com os árbitros, recolhimento de inscrições, realizações das competições até a cerimônia de premiação.

Em 2007 a 16ª edição dos Jogos Estudantis propõe uma nova função: supervisor pedagógico, com o objetivo de aproximar a principal ação do projeto, a prática esportiva com fins educativos e o projeto político-pedagógico de cada unidade escolar. ■

Um Pan de oportunidades

TEXTO

RENATA PETROCELLI

capa

NÓS DA ESCOLA n.º 49/2007

A obra do Engenheiro foi uma ousadia que rendeu espaço no programa

Megaconstruções do canal Discovery

ALBERTO JACOB FILHO

Para boa parte dos cariocas, o período entre os dias 13 e 29 de julho será de uma alegria festiva. Sede dos XV Jogos Pan-americanos, a cidade estará cheia de turistas e de competições esportivas espalhadas pelos quatro cantos – incluindo lugares públicos, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, onde será possível acompanhar as provas de remo e de canoagem de velocidade, de vários pontos da ciclovia, ou a praia de Copacabana, onde os esportes aquáticos não exigirão ingressos. Passados 17 dias, no entanto, vão-se os atletas, os visitantes e a euforia. Mas os reflexos nos equipamentos esportivos, no turismo, na capacitação profissional e na imagem do Rio de Janeiro permanecem. Foi justamente pensando nisso que a Prefeitura investiu R\$ 1,2 bilhão na preparação da cidade para receber a competição. Como resume o secretário especial Rio 2007, Ruy Cezar Miranda Reis, “um evento desta magnitude significa uma década de oportunidades”. Oportunidades que já começaram a aparecer para profissionais como o taxista Márcio Lopes de Queirós, integrante de uma das turmas do programa de qualificação Rio Hospitaleiro. Como ele, cerca de 7 mil cariocas que passaram pelos cursos já sentiram na pele o real sentido de ter os Jogos Pan-americanos “em casa”. Porque ver o Rio no centro de um dos maiores eventos esportivos do mundo é muito bom, mas crescer junto com a cidade é melhor ainda.

Inclusão talvez seja uma das melhores palavras para definir o legado dos Jogos Pan-americanos para a cidade. Inclusão do Rio de Janeiro no roteiro dos grandes eventos do mundo dos esportes, inclusão de novos equipamentos esportivos no cenário da cidade, inclusão de profissionais em atividades do turismo e do comércio... Mas o Rio será lembrado ainda como a primeira sede dos Jogos Pan-americanos a sediar também os Jogos Parapan-americanos, num compromisso assumido pela Prefeitura que tem por base a política já concretizada de fazer dos equipamentos esportivos instrumentos de inclusão social. Um belo exemplo, que trará novos exemplos para cariocas e para o público do mundo inteiro, como ressalta o prefeito Cesar Maia. “As grandes lições de superação pessoal trazidas pelos atletas do Parapan se somarão às instalações e ao cenário do Pan para transformar-se em um evento inesquecível para o Brasil e as Américas”, defende.

Os Jogos Parapan-americanos serão realizados entre os dias 12 e 19 de agosto e utilizarão toda a infra-estrutura do Pan, além de seis de suas instalações esportivas. Dez modalidades

serão disputadas por 1.300 atletas. Para o coordenador dos Jogos Parapan-americanos da Secretaria Especial Rio 2007, Waldênio Borges de Oliveira, compartilhar os mesmos equipamentos e o mesmo modelo de organização do Pan faz toda a diferença na hora de atrair a atenção e o debate para as condições dos portadores de deficiência, sejam eles praticantes de esportes ou não. “Acredito que a realização do Parapan nestas circunstâncias contribuirá para que o debate em torno das questões da deficiência extrapole o eixo esporte–educação–saúde. As discussões sobre o tema estarão postas para todas as secretarias no âmbito da Prefeitura e para a cidade como um todo”, aposta.

Em função dos Jogos Parapan-americanos, o Rio já atraiu, este ano, uma série de importantes competições paraolímpicas, como os mundiais de bocha, voleibol e cadeira de rodas. Waldênio lamenta que estes eventos não tenham tido divulgação ou repercussão junto à sociedade, mas acredita que isso tenderá a mudar com o Parapan. Até porque, como resultado para a cidade, ficarão ainda equipamentos esportivos projetados e construídos com adaptações ►

para atender ao público e aos atletas portadores de deficiência. “O que faz a deficiência é o entorno, são os locais que os portadores freqüentam. Neste sentido, quebrar as barreiras arquitetônicas, como foi feito nos diversos equipamentos dos Jogos, é uma forma de dizer que se quer a presença do portador de deficiência”, argumenta Waldênio.

No Estádio Olímpico João Havelange, por exemplo, além de rampas de circulação, há sinalização tátil e sonora e lugares reservados para os portadores de necessidades especiais. Este foi apenas um dos requisitos da construção, que segue todas as exigências de conforto e segurança sugeridas pela Fifa (Federação Internacional de Futebol) para o futebol e pela IAAF (Associação Internacional de Federações de Atletismo) para o atletismo¹. O mesmo cuidado caracteriza os outros equipamentos esportivos construídos especialmente para o Pan, como a Arena Multiuso, o Velódromo do Rio e o Parque Aquático Maria Lenk, na Cidade dos Esportes. Além destas novas construções, que comporão a “herança” do Pan para o Rio, estão passando por reformas e adaptações o complexo do Maracanã (que inclui, afora o estádio, o Maracanzinho, o Parque Aquático Júlio Delamare e o Estádio de Atletismo Célio de Barros); o Complexo Esportivo Deodoro, na Vila Militar, que está recebendo instalações definitivas para as provas de hipismo, hóquei sobre grama, pentatlo moderno, tiro esportivo e tiro com arco; a Marina da Glória e o Riocentro.

Acesso e oportunidades – As conseqüências deste *boom* de construções de equipamentos esportivos são inúmeras. As primeiras já começam a se fazer sentir, como a valorização do entorno do Engenho ou da Vila Pan-americana. O secretário municipal de Obras, Eider Dantas, lembra que o mesmo aconteceu com o Maracanã, na década de 1950. “O estádio foi um divisor de águas na área da Tijuca. O Engenho fará o mesmo por sua área. Teremos ali 50 lojas, um teatro, um restaurante e diversas atividades esportivas, que poderão provocar um movimento constante. As calçadas, ruas e a drenagem já foram totalmente reformadas no entorno e o valor para aluguel e

venda de imóveis subiu cerca de 30%”, destaca. Sobre a Vila Pan-americana, o secretário especial Rio 2007 diz que a revalorização da área também já pode ser notada. “A expansão natural das comunidades carentes já estava levando a um processo de desvalorização desta área. A Vila surge no sentido de revalorizar, modernizar, gerar emprego e renda. A Avenida Abelardo Bueno, que também estava em processo de degradação e sendo alvo de invasões, está totalmente requalificada”, opina Ruy Cezar.

O acesso dos cariocas aos novos e modernos equipamentos esportivos é outro legado deixado pelo Pan. Terminado o evento, alguns deles serão destinados ao desenvolvimento de projetos de iniciação esportiva como forma de inclusão social, beneficiando os alunos da rede municipal de ensino e crianças e jovens de comunidades carentes. A Prefeitura já está negociando convênios com as confederações esportivas, que se encarregarão de oferecer os cursos e treinamentos. O Parque Aquático Maria Lenk, por exemplo, deve ficar a cargo da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, enquanto o Velódromo, a cargo da Confederação Brasileira de Ciclismo. “Estes espaços darão continuidade à política de esportes já determinada pelo prefeito, que inclui o trabalho realizado nas Vilas Olímpicas Municipais e no Centro Esportivo Miécimo da Silva”, ressalta Ruy Cezar. Outros equipamentos, como o Estádio Olímpico João Havelange e a Arena Poliesportiva, serão licitados.

A cidade ganha ainda com a óbvia valorização de sua imagem como sede de competições. Ruy Cezar lembra que os últimos grandes eventos desta natureza realizados no país foram a Copa do Mundo de 1950, também no Rio, e os Jogos Pan-americanos de 1963, em São Paulo. “Desde então, o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro saíram naturalmente do foco de ocorrência de grandes eventos, os equipamentos se tornaram obsoletos. Um acontecimento deste nível requalifica os equipamentos e atrai outros grandes eventos”, avalia. Antes mesmo do Pan, a movimentação em torno do nome da cidade já atraiu três campeonatos mundiais: o de pentatlo moderno, em 2006, e os de judô e canoagem *slalom*, em 2007.

Sonhar em ser uma sede olímpica, por exemplo, fica bem mais fácil depois de realizar

¹Detalhes do estádio, popularmente conhecido como Engenho, podem ser conferidos na seção *Carioca* desta edição, que traz uma reportagem fotográfica sobre a obra.



O Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo devem ser explorados pelas confederações de esportes aquáticos e de ciclismo

com sucesso uma edição dos Jogos Pan-americanos. E um dos principais motivos é justamente a modernização e a diversificação dos equipamentos esportivos, capacitando a cidade a receber competições nas mais variadas modalidades. “Os Jogos Pan-americanos são um teste pelo qual o Rio está passando no rumo da candidatura olímpica. Realmente há um grande caminho a seguir até que a chama olímpica se acenda no Rio, mas o sucesso no Pan é um grande passo para realizar esse sonho”, destaca o prefeito Cesar Maia.

Entre os passos deste caminho está certamente a qualificação da mão-de-obra carioca nos mais diversos setores relacionados à realização de grandes eventos esportivos. E este é mais um dos ganhos do Pan. Nossos engenheiros, arquitetos e operários certamente aprenderam e se atualizaram muito para construir o Engenhão, uma obra sem igual na América Latina, destacada pelo canal de TV por assinatura Discovery, no programa *Megaconstruções*, que acompanhou todas as etapas do trabalho. Mas o aprendizado não termina por aí. O plano-mestre do evento foi elaborado pela empresa australiana M. I. Associates Pty., a mesma que planejou os Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, e Atenas, em 2004, e está planejando os Jogos Olímpicos de Pequim, que serão realizados em 2008. Isso

significa que nossos profissionais envolvidos na organização dos Jogos tiveram contato com o que há de mais avançado em tecnologia de planejamento de grandes eventos esportivos.

Uma rotina diferente – Não muito longe das quadras, piscinas e estádios, profissionais de áreas como transportes, segurança, trânsito, limpeza urbana e atendimento ao turista também estão se preparando para o Pan. No dia-a-dia, eles já atuam para a manutenção da cidade. Mas o que estão aprendendo para assegurar que tudo funcione perfeitamente durante os Jogos certamente será incorporado ao seu trabalho, melhorando o cotidiano do carioca. “Qualquer cidade que realize um evento esportivo de alto nível deve estar organizada de modo a operar sem prejuízo para a vida dos cidadãos. Recolhimento de lixo, trânsito e transporte, segurança e todos os serviços públicos devem permanecer operando e, mais que isso, em função das novas demandas geradas pelos Jogos, devem estar funcionando em nível de excelência”, defende o prefeito Cesar Maia.

Além do treinamento em cada uma destas áreas, voltado especificamente para os Jogos, destacam-se alguns programas desenvolvidos pela Prefeitura com o objetivo de garantir a total satisfação do turista que visitará a cidade ►

durante o Pan. Um deles é o Rio Hospitaleiro, realizado em parceria com o Ministério do Turismo e executado pelo Senac-Rio. Até o início dos Jogos, 7 mil profissionais terão passado pelo curso de capacitação oferecido pelo programa. Subsecretário municipal de Turismo, Paulo Bastos resume o objetivo central do programa: “O turismo depende como poucas atividades da qualidade de atendimento e da satisfação do cliente. Um dos focos é ensinar alguma coisa instrumental, pois isso tem seu valor. Mas a principal mensagem é ética, defendendo a atenção ao cliente e os procedimentos para assegurar a qualidade”.

Márcio Lopes de Queirós parece ter aprendido direitinho a lição. Ele foi um dos 30 taxistas da Copataxi que cumpriram as quatro semanas do curso, recebendo ainda material para aprendizado a distância. E não tem dúvidas sobre o que mais vai chamar a atenção dos estrangeiros que esbarrarem por aí com os taxistas participantes, que poderão ser identificados por um selo afixado no carro. “O principal diferencial vai ser a cordialidade. O mercado está muito competitivo, o que torna os profissionais agressivos, visando só ao lucro. Eles esquecem a qualidade do atendimento. Um curso como este é muito importante porque a área carece de treinamento, já que não existe pré-requisito para ser taxista”, opina.

Além de taxistas de diversas cooperativas, estão sendo capacitados funcionários de hotéis,

bares, restaurantes, rodoviária e aeroportos e motoristas de ônibus. “Trabalhamos com os setores organizados da sociedade. Começamos com os pólos gastronômicos, no Centro, Copacabana, Botafogo e Barra da Tijuca. Depois, as empresas de ônibus e cooperativas de táxis. E a rede hoteleira, principalmente a de duas e três estrelas, porque nos outros hotéis os funcionários já têm acesso a este tipo de informação”, explica Pedro Andrade, gerente do Centro de Turismo e Hotelaria do Senac-Rio. Pedro lembra que os profissionais qualificados vão poder atender melhor não apenas aos turistas que vierem para o Pan, mas a todos os visitantes e também aos cidadãos cariocas.

E o projeto não pára com o término dos Jogos. A Prefeitura já prevê a continuidade através de duas ações paralelas, como explica o subsecretário Paulo Bastos. “A primeira é a certificação de qualidade, que já existe para profissionais, da mesma forma que para empresas. O Instituto de Hospitalidade, uma entidade muito respeitada na área do turismo, já dá a certificação e vamos custear a realização das provas para os primeiros mil profissionais. Em paralelo, vamos lançar um edital para cursos de inglês, nos quais ofereceremos bolsas para mil profissionais da área de turismo. Estas oportunidades serão oferecidas preferencialmente para os que já tiverem participado do Rio Hospitaleiro, que passam a integrar uma rede, recebendo cartas, informações e promoções como estas”.

DIVULGAÇÃO



O grupo de taxistas recebeu noções básicas de inglês e espanhol

De braços abertos – Da mesma forma que os cursos de capacitação, o movimento no setor turístico também deixará frutos duradouros. A Prefeitura prevê um contingente de 400 a 500 mil turistas na cidade, gerando movimento econômico, novas contratações e, principalmente, divulgação. O secretário municipal de Obras, Eider Dantas, lembra que cerca de 800 milhões de pessoas acompanharão os jogos pela TV em várias partes do mundo, o que é excelente para a imagem do Rio como destino turístico. E faz as contas: “A previsão é de que, entre investimentos na cidade, o que vai ser gasto aqui por turistas e delegações estrangeiras e mais a divulgação do Rio na TV no mundo inteiro, teremos um movimento equivalente a uns US\$ 3 bilhões, um valor fantástico”. Já Ruy Cezar lembra o aquecimento da indústria hoteleira. “Até o final

Zoom Por que o Pan é importante para a cidade?

Durante duas semanas, o Rio de Janeiro estará imerso no mundo do esporte, a partir de 13 de julho. Nesse dia, começam os Jogos Pan-americanos de 2007. Essa será a segunda vez que o Brasil sediará o Pan, a maior competição esportiva do

mundo depois dos Jogos Olímpicos. São esperados 5 mil atletas e quase 500 mil turistas na cidade durante o evento. NÓS DA ESCOLA foi às ruas para conhecer a opinião dos cariocas sobre a importância do Pan para o Rio de Janeiro.

ALBERTO JACOB FILHO



Tiago Bruno Oliveira • publicitário

— Se a organização do Pan fizer um bom trabalho, mostrando que a cidade tem estrutura e pode promover uma competição desse porte, o Rio poderá sediar competições maiores. Isso também é importante para melhorar a imagem da cidade e incrementar o turismo. Melhorando o turismo a cidade se beneficia economicamente. Uma coisa puxa a outra.

Synval Guimarães • aposentado

— O Pan vai ajudar a valorizar o esporte no Brasil, que ainda é um país em desenvolvimento, e a fazer com que a juventude cada vez mais abrace essa idéia. Os Jogos também podem incentivar o turismo e a economia do Rio, e abrir a possibilidade de a cidade futuramente sediar os Jogos Olímpicos, que são o grande sonho do carioca e dos brasileiros.



Valiria Lassarotti Jeremias

— É muito importante para o Rio de Janeiro sediar os Jogos Pan-americanos. O evento vai trazer turistas, cultura, informação, gerar empregos... Será importante para a imagem do Rio, que anda tão marginalizado. O Pan também vai capacitar a cidade a sediar outras competições. Os cariocas estão abraçando o evento. Eu estou empolgada, inclusive pretendo comprar ingressos para algumas competições pela internet.



Gilson da Silva Ferreira • estoquista

— O Pan vai trazer receitas para o estado e para a cidade, com o turismo. Isso vai gerar mais emprego.



O Pan também é importante para a imagem do Rio no exterior. Se a cidade está preparada para receber o Pan é sinal de que está preparada para receber o turista do mundo todo também. Eu trabalho com comércio e espero que o movimento aumente. Como vivo de comissão, aumentando o movimento os meus ganhos também aumentam.

de 2010, 11 novos estabelecimentos hoteleiros vão surgir no Rio de Janeiro”, afirma.

A grande movimentação prevista para o período do Pan levou ainda a Prefeitura a dar o pontapé inicial em um projeto que visa estimular uma modalidade de serviço em franco crescimento no mundo inteiro: a hospedagem domiciliar. Famílias interessadas em reforçar

a renda mensal e conviver com os turistas preparam suas residências para hospedá-los, oferecendo acomodação e café da manhã. O Rio já tem 150 residências cadastradas em agências especializadas. No que depender da Prefeitura, este número vai crescer muito nos próximos anos. A Secretaria de Turismo está realizando seminários, treinamento e ►

consultoria para fomentar a atividade. Em maio, lançou a *Carta de qualidade*, listando padrões mínimos de qualidade nas residências e divulgou o resultado de uma pesquisa realizada pela internet com 500 famílias interessadas na atividade.

As ações incluem ainda a construção de um portal de divulgação da Hospedagem Domiciliar no Rio, com versão impressa para distribuição em eventos promocionais (como feiras e salões de turismo), e a mobilização de agências de viagem e universidades que oferecem cursos de turismo. O subsecretário Paulo Bastos espera que o número de residências cadastradas triplique nos próximos anos. “É um negócio de médio a longo prazo. O Pan dura pouco. Encaramos o Pan como alavanca, o resultado virá depois”.

Entre as intenções da Prefeitura está o apoio ao desenvolvimento de uma espécie de hospedagem temática. Normalmente, o estímulo acontece em função de áreas de interesse turístico – no caso do Rio, Zona Sul, Barra da Tijuca e entorno do Parque Nacional da Tijuca, entre outros. Mas Paulo frisa que a criação de temas específicos pode ser um diferencial. “Alguém que goste muito de futebol e tenha um verdadeiro museu do futebol em casa pode abrir um mercado valiosíssimo. O cara que vem para o Rio interessado em ver futebol fica na casa dele e ele pode enturmá-lo nesta área”.

De um lado, mais lugares para receber os turistas. De outro, uma cidade mais bonita e bem cuidada, seja para os visitantes, seja para os próprios cariocas. Receber um evento do porte dos Jogos Pan-americanos representa a necessidade de uma série de intervenções na

infra-estrutura urbana. As mais significativas aconteceram nas vias de acesso às instalações esportivas do Pan, como a duplicação e as melhorias da Avenida Abelardo Bueno, a rótula de acesso à Vila Pan-americana e a ampliação de um trecho da Avenida Ayrton Senna no sentido da Linha Amarela. Foram realizadas ainda uma grande reforma na Avenida Brasil, melhorias urbanísticas no entorno do Engenho, a drenagem das vias do entorno do Riocentro e da Cidade dos Esportes e a reforma da estação do Engenho de Dentro. Da mesma forma, o esquema de segurança montado em função dos Jogos também reverte em benefícios para a cidade. Novas lanchas e aeronaves reequiparam a Polícia Federal e os instrumentos de controle e comunicações adquiridos para as operações durante o Pan também permanecerão em uso após o evento. Quanto aos computadores utilizados para monitorar áreas específicas dos Jogos, a Prefeitura está tentando aproveitá-los nas escolas, como explica Ruy Cezar.

Legado intangível – A possível “herança” em forma de computadores não é, no entanto, a única lembrança que ficará do Pan para os alunos da rede municipal de ensino. Para eles e outras crianças e adolescentes cariocas, ter os Jogos Pan-americanos na cidade vai representar uma aproximação com o esporte e suas mais diversas modalidades, despertando curiosidade e esforços de pesquisa e criando exemplos de garra, disciplina e superação. A equipe do desenvolvimento curricular de Educação Física da DEF/E-DGED (Diretoria de Ensino Fundamental do Departamento Geral de Educação), composta por Luzia Matos e Márcia Oliveira, ressalta que, antes mesmo do Pan, os resultados já podem ser sentidos nas escolas da Rede. Muitas delas incluíram os Jogos em seus projetos político-pedagógicos para o ano de 2007, aproveitando a mobilização em torno do evento para incentivar o aprendizado através das mais diversas atividades. “Um evento como este proporciona uma movimentação interna enorme nas escolas, não só na área de educação física. Pode-se falar de saúde, alimentação, das modalidades esportivas e da cultura dos países onde são praticadas, das conseqüências para a cidade, o meio ambiente e o turismo, além de exemplos sobre o que é a competição, o que é

Os Jogos em números

- R\$ 1,2 bilhão de investimento da Prefeitura do Rio
- 42 países participantes
- 34 modalidades esportivas
- 5,5 mil atletas
- 15,5 mil voluntários, selecionados entre 50 mil inscritos
- 1,9 milhão de espectadores com ingressos pagos
- 29 instalações esportivas
- 3 mil profissionais de mídia credenciados
- 700 horas de cobertura ao vivo pela TV
- 30 mil funcionários terceirizados e 1,2 mil colaboradores
- 400 a 500 mil turistas na cidade
- 1,3 mil atletas e 10 modalidades esportivas nos Jogos Parapan-americanos



O Centro Esportivo Miécimo da Silva será usado para competições de futebol, squash, caratê e patinação durante o Pan

ALBERTO JACOB

ser um herói desportivo e o que é preciso para chegar lá”, exemplifica Luzia.

Levando-se em conta a política definida pela Prefeitura para os esportes, encarados como instrumentos de inclusão social, trazer os Jogos Pan-americanos e, em seqüência, os Jogos Parapan-americanos, ganha um significado ainda maior. Secretário Municipal de Esporte e Lazer, Gustavo Cintra enumera os quatro vetores de ação que definem as políticas públicas de esportes e lazer cariocas: “intervenção social alternativa à marginalidade infanto-juvenil, inclusão social das pessoas portadoras de deficiência, promoção social dos cidadãos da terceira idade e realização de eventos para divulgar a cidade como referência do esporte”. Cerca de 17% da população do Rio de Janeiro (cerca de um milhão de pessoas), segundo o coordenador Waldênio Borges, é portadora de deficiência física. Entre elas, cerca de 3 mil praticam atividades físicas. Muitas delas fazem uso, em seu cotidiano, do Centro Esportivo Miécimo da Silva e das Vilas Olímpicas, onde a Prefeitura desde 2001 desenvolve ações esportivas voltadas para a inclusão social.

São, atualmente, 11 Vilas Olímpicas, onde, além dos portadores de deficiência, têm acesso à prática esportiva milhares de jovens para quem o exemplo de garra, disciplina e superação pode representar muito, como ressalta o prefeito Cesar Maia. “Freqüentando atividades esportivas, culturais e de lazer, crianças e jovens afastam-se dos atos infracionais e do ócio, passando a vivenciar as práticas saudáveis trazidas pelo esporte e pela recreação dirigida. Os Jogos

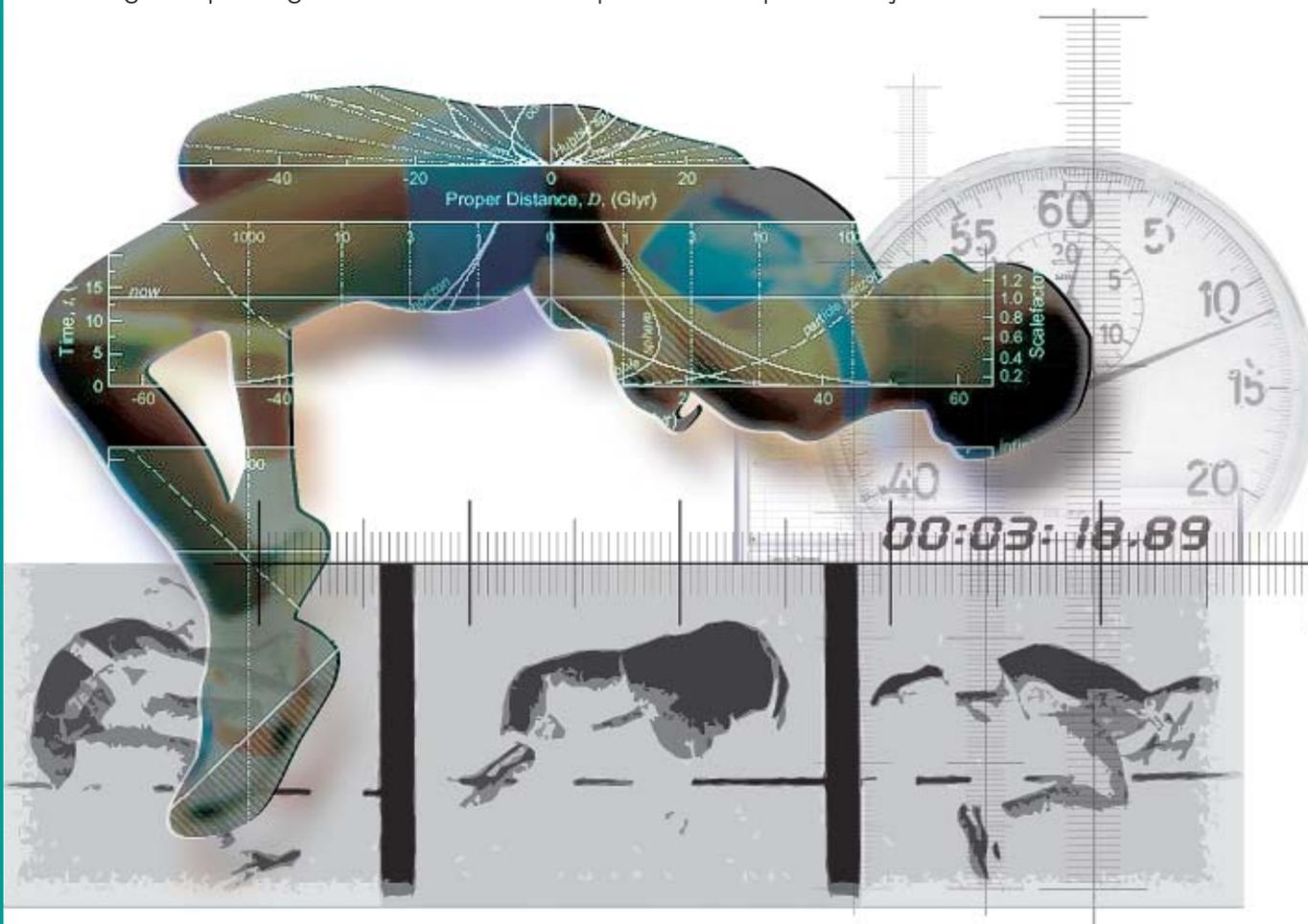
Pan-americanos Rio 2007 são um incentivo para todos esses jovens”.

Incentivo, aliás, é a palavra de ordem nas Vilas Olímpicas. Gustavo Cintra destaca que o trabalho desenvolvido desde 2001 busca integrar as políticas públicas de esporte e educação com professores que acompanham o desempenho curricular dos alunos. “Para os que não estudavam, as Vilas facilitaram a matrícula escolar. E, como motivação complementar, estes jovens foram estimulados a participar dos eventos esportivos realizados no Rio, disputando competições preliminares, assistindo às disputas, ou até participando de oficinas com atletas profissionais”, explica o secretário. Ele lembra ainda que cada Vila conta com pedagogos, assistentes sociais e psicólogos que, ao lado dos profissionais de educação física, exercitam valores como a disciplina, a perseverança e o trabalho em equipe. Com o Pan do Rio, o entusiasmo destes praticantes de esporte só cresceu. Mas não só entre eles.

Ao longo dos primeiros meses de 2007, qualquer visita a uma das escolas do município já revelava o grande envolvimento de professores e alunos com a proximidade dos Jogos Pan-americanos. Tanto quanto as obras, o movimento positivo no turismo da cidade, a capacitação profissional e todo o aprendizado gerado pela realização do Pan do Rio, o efeito sobre milhares de crianças e jovens é um grande legado que os Jogos deixarão para a cidade. Um legado que não ficará registrado em números, fotografias ou estatísticas, mas no exemplo gravado na lembrança e no coração de nossos alunos. ■

Um novo tempo no esporte

Tecnologia de ponta garante resultados mais precisos nas provas e ajuda no treino de atletas



TEXTO A emoção de uma chegada de corrida com os melhores disputando milímetro por milímetro vai continuar, mas a conversa dos torcedores a partir de julho não será mais a mesma. Em vez de discutir se realmente foi dada a medalha de ouro ao que chegou primeiro, o assunto das rodas de amigos será: “Quem conseguiu acompanhar a olho nu o que a máquina registrou?” Ou: “Fulano ganhou porque cientificamente ficou provado que é um fenômeno!” Ou seja, as provas estarão cheias de emoção, mas com uma margem bem menor de falhas humanas, graças à tecnologia de ponta que os organizadores dos Jogos Pan-americanos estão trazendo para o Rio.

BETE NOGUEIRA
ILUSTRAÇÃO
CLAUDIO GIL
FOTOS
AROQUIVO

A Swiss Time, fabricante de grande parte dos produtos que serão usados no evento, é a maior empresa de aferição de resultado no mundo, segundo Carlos Alberto Lancetta, coordenador de esportes da Secretaria Especial do Pan 2007 e chefe da delegação de atletismo.

“No outro Pan realizado no Brasil, em 1963, em São Paulo, as condições de verificação de *performance* eram muito diferentes”, explica Lancetta. Naquela época, mensuravam-se os tempos com diferenças de tempo em décimos de segundo. Hoje, já é possível captar diferenças de centésimos de segundos. A olho nu, é impossível perceber essas sutilezas. Por ►

Modernidade e conforto

Os Jogos Pan-americanos deixarão um legado tecnológico e de equipamentos construídos para a ocasião. “Tudo isso não foi feito antes em função do alto custo”, diz Carlos Alberto Lancetta. Ele tem acompanhado as visitas dos diversos comitês técnicos, que, segundo ele, têm elogiado muito os espaços físicos da Prefeitura: Engenhão, Arena Poliesportiva, Parque Aquático e Velódromo. Algumas novidades:

- **Estádio Olímpico João Havelange**

– Segurança, conforto e soluções ecológicas foram contemplados na moderna construção, que permite uma ventilação bem eficiente, tornando-o mais arejado do que outros estádios, além de ter uma iluminação natural superior aos outros. Os espaços do Engenhão são amplos, inclusive as portas de saída, o que garante, segundo os construtores, que em 10 minutos seja possível uma completa evacuação em caso de emergência.

O estádio atende a todos os requisitos internacionais, e está apto a sediar eventos de maior envergadura, como as Olimpíadas de 2016. Todos os setores, inclusive o de vestiário, são adaptados para receber deficientes físicos. A energia solar será utilizada para o banho quente. A água de chuva será armazenada para jardinagem e descarga, e dois poços

artesianos serão utilizados quando as caixas não tiverem água de chuva suficiente para esses serviços.

O setor de imprensa tem 16 cabines de rádio e quatro de TV, com o mais sofisticado aparato tecnológico.

- **Parque Aquático Maria Lenk** (foto)

– As piscinas possuem bordas quebradas. Isto significa que as marolas formadas pelo movimento natural dos atletas, e que normalmente atrapalham os competidores das raíais 1 e 8, não serão mais problema: a água cairá sobre vãos laterais, será tratada e voltará para a piscina, sem prejudicar ninguém. As piscinas têm câmera embutida e 50m medidos internamente, permitindo a cronometragem eletrônica.

Comunicação – Mesmo quem não puder comparecer aos jogos poderá usufruir de tanta tecnologia. Rádios e TVs brasileiras transmitirão pela primeira vez sinais de alta definição, no mesmo padrão a ser utilizado por Pequim, no ano que vem, nos Jogos Olímpicos. A empresa responsável pela geração desses sinais é a espanhola International Sports Broadcasting (ISB). Todas as novas construções terão acesso *wireless* (sem fio) à internet. Há sinalização tátil e sonora para bem acomodar deficientes visuais e auditivos.



RIOURBE/TATIANA NORONHA

isso, aparelhos como o Photo Finish chegam para ficar no cotidiano do esporte do Rio. Ele registra as imagens em alta definição e o próprio programa já diz a ordem de chegada dos oito primeiros concorrentes. É bom estar familiarizado com essas palavrinhas: câmeras fotoelétricas, dispositivos com sensores, teodolito – e garantir uma animada conversa pós-competição.

Tempo e espaço – Todos os esportes que lidam com tempo e medidas se beneficiarão das novidades. Para os diversos tipos de corrida, ciclismo e natação, seria como contar cada grãozinho de areia se ainda estivéssemos no tempo da ampulheta. Nas provas de saltos e arremessos, o que antes era medido com antigas trenas agora é feito com o teodolito com prisma, instrumento que permite a medida exata da *performance* de cada atleta.

No bloco onde fica o pé dos corredores que esperam o início das corridas, funcionará um dispositivo que pode avisar caso um “apressadinho” saia antes do tiro da largada, em um tempo ínfimo que a olho nu não se percebe. Ao tirar o pé, o sensor é acionado, avisando que o participante “queimou” a largada. Isso pode até eliminar o atleta, mesmo que os juizes não tenham percebido a sua antecipação.

Mas para os treinadores os benefícios *hi tech* começam bem antes: descobrir quanto

tempo cada atleta levou entre o sinal de largada e a corrida. Lancetta, que já foi atleta – ele competia nas corridas de 800m e 1.500m – e já foi técnico em diversos campeonatos, explica que através dessa aparelhagem estudam-se melhor os desempenhos individuais. Com isso, descobrem-se diferenças que podem identificar atletas que têm uma capacidade de reação mais veloz do que o padrão. O tempo de reação do corpo é dividido em cinco fases: o corpo percebe o tiro, manda a informação para o sistema nervoso central, chegada ao cérebro, retorno ao músculo correspondente, a ação. “Isso pode ser decisivo, principalmente nos 100m rasos, a prova mais veloz do atletismo.” Na natação, essas minúcias também são fundamentais: além de marcar a partida, o toque de chegada tira qualquer dúvida. No Parque Aquático Maria Lenk, uma nova concepção de piscina também chega para ajudar (*veja o quadro da pág. 35*).

Tanto o ciclismo de velocidade, praticado no Velódromo sobre piso de madeira siberiana, quanto o ciclismo de estrada, ao ar livre, terão perfeito controle das voltas, registradas a cada quilômetro pelos novos equipamentos. “Também nos esportes coletivos esses instrumentos serão importantes para definir determinados lances críticos e para a própria visualização da competição”, lembra o coordenador. As equipes de vôlei vêm se preparando com a ajuda de um *software* que registra lances dos jogos dos adversários, o que ajuda na hora de neutralizar tanto jogadas ensaiadas como atletas mais “perigosos”.

Com o *software* Darth Fish – que registra movimentos em seqüência –, os técnicos têm como corrigir eventuais posições ou vícios de movimento de seus atletas, inclusive sobrepondo a seqüência de seus movimentos à de outro atleta, e comparar movimentos que podem fazer diferença na nota final.

Paixão nacional – Até agora não se falou de futebol, mas não por omissão. Por ser o esporte brasileiro por excelência, a modalidade está sempre na crista da onda das novidades tecnológicas, o que não será diferente durante o Pan. Apesar de dividir os holofotes com outras modalidades, o futebol não perde a sua majestade, tanto que será disputado em quatro locais distintos: Maracanã, Engenhão, Miécimo da Silveira, em Campo Grande, e CFZ, na Barra. ■

ARQUIVO/ UNED



As provas de atletismo contarão com um sensor que será acionado caso um corredor saia antes do tiro de largada

Uma prática pra lá de perigosa

A utilização de drogas associada ao esporte pode desencadear problemas físicos e psicológicos



Corpos bem torneados ou musculosos podem ser obtidos à custa de atividades físicas, mas em alguns casos escondem atitudes nem um pouco saudáveis. Quem pratica esporte e tem uma boa alimentação é capaz de atingir ótimos resultados em termos de resistência e vigor, mas há quem não se contente com isso e prefira usar substâncias que causam problemas ao organismo, como anabolizantes e remédios para emagrecimento. No caso dos atletas, a consequência pode ser ainda pior se eles abusarem de medicamentos ou esteróides. Se forem reprovados em exames antidoping, terão suas imagens arranhadas e suas carreiras prejudicadas.

O uso de drogas aliado a práticas esportivas não é recente. A primeira referência histórica que caracterizaria uma espécie de *doping* remete a 2.700 a.C., na China. Descreve-se o efeito es-

timulante de uma planta local conhecida como *ma huang*, utilizada até hoje por lutadores e desportistas chineses para dar mais ânimo e coragem nas disputas. Na Grécia antiga também se falava no uso de plantas, ervas e cogumelos para melhorar o desempenho dos atletas. No século XIX, ciclistas chegaram a usar uma mistura de cocaína e heroína, chamada de *speedball*, que tinha o mesmo objetivo. Uma das histórias mais lembradas de *doping* foi a do jogador argentino Diego Maradona, na Copa do Mundo de 1994. Ele jogava pela seleção de seu país sob efeito de efedrina, uma substância que melhora os reflexos e diminui a fadiga.

O consumo de anabolizantes esteróides foi difundido a partir da década de 1950, por países do bloco oriental, com o objetivo de aumentar a força muscular. Em 1960, essas substâncias ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÕES

ESCULTURAS DE

GUSTAVO CADAR

FOTOGRAFADAS POR

ALBERTO JACOB FILHO

se tornaram conhecidas porque um fisiculturista tinha um volume muscular incrivelmente superior aos seus concorrentes no campeonato conhecido na Europa como Mr. Universo. Além do uso esportivo, as substâncias anabolizantes também já foram usadas por tropas de combate. Os nazistas comandados por Adolph Hitler já utilizavam a testosterona, base de anabolizantes, durante a Segunda Guerra Mundial. O objetivo era estimular a agressividade dos combatentes antes de um confronto.

Não é por acaso que atualmente os famosos *pitboys* são vistos praticando atos de agressividade por onde passam, verdadeiras gangues que freqüentam academias durante o dia e se enfrentam à noite em bares e boates. Muitos deles usam os esteróides para manter um corpo definido e ganhar resistência. Segundo o presidente do Departamento de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Paulo César Pinho Pinheiro, outros efeitos colaterais de ordem psicológica observados por usuários dessas substâncias, além da agressividade, são: esquecimento, confusão mental, variação de humor, ciúme patológico, entre outros.

Danos à saúde – O princípio ativo dos anabolizantes atua nas fibras dos músculos, permitindo que elas retenham mais água e nitrogênio e favorecendo uma maior síntese protéica. Isso faz com que as fibras aumentem consideravelmente de tamanho e os músculos fiquem mais volumosos e resistentes. Mas por serem feitos à base de testosterona, hormônio masculino, ocasionam variações de ordem física também. Quem os usa pode ter calvície, aumento de pêlos no rosto e no corpo, acne, dores nas juntas, aumento da pressão sanguínea, aumento e alteração do colesterol no sangue, problemas hepáticos, renais, circulatórios e lesões no aparelho locomotor. Para as mulheres, os efeitos são ainda mais devastadores, porque podem ter aumento de pêlos, alterações ou ausência de menstruação, aumento do clitóris, voz grossa e diminuição dos seios.

O culto ao corpo e a busca por mais força e resistência estão excedendo limites e se transformando em uma doença pouco divulgada: o dismorfismo muscular, ou vigorexia, um problema psicológico em que o rapaz musculoso se olha no espelho e se enxerga fraco. Mais ou menos o que acontece com o anoréxico que, por mais



magro que esteja, se vê gordo. O problema culmina em resultados trágicos, já que as pessoas que sofrem deste mal apelam para anabolizantes de uso veterinário, recomendados para porcos e cavalos, para aumentar sua massa corporal.

Antenado com os novos rumos, Aldair José de Oliveira, professor de educação física da Escola Municipal Charles Anderson Weaver, desenvolveu em sua dissertação de mestrado, pela Universidade Gama Filho, *Dismorfia muscular: uma abordagem cineantropométrica*, um índice que pode identificar rapidamente se o indivíduo tende à dismorfia muscular. Chamado de IBP, o índice se refere à medida do braço contraído, dividida pela perimetria da panturrilha. O normal é que o resultado dê abaixo de 1. Caso exceda esse valor, há possibilidade de a pessoa estar sofrendo de dismorfia muscular. “Durante o estudo, fomos às academias e verificamos que dos 100 rapazes que investigamos 37 estavam com índice acima de 1. Ou seja, 37% deles estavam com medidas acima do normal. É um número bastante elevado. O índice pode ser o primeiro passo para diagnosticar a doença, mas há comprovação dela através de questionários específicos desenvolvidos por psiquiatras”, explica Aldair.

Segundo o professor de educação física, uma das causas da busca por essa estética considerada ideal, de homens musculosos e mulheres muito magras, é a propagação pela



mídia. Um estudo divulgado no *National Journal of Eating Disorder* aponta uma construção desse biotipo ao longo dos anos até pela indústria de brinquedos. Os bonecos de super-heróis foram ganhando cada vez mais músculos. Outra pesquisa, publicada no *British Medical Journal*, revelou que o modelo de bonecas preferido das meninas, as Barbies, foi ficando cada vez mais magro.

Há casos também de mulheres que podem estar sofrendo de dismorfia muscular, mas grande parte persegue o ideal de beleza, que é ser magra. Portanto, no sexo feminino, é mais comum o uso de medicamentos para emagrecer, associados a esporte. “Vemos muita preocupação nas meninas em ter um índice de massa corporal menor que o normal, que varia de 20 a 25. Hoje elas querem ter menos de 18. Essa busca pode realmente culminar em anorexia”, explica o pediatra Paulo César Pinho Pinheiro, alertando que na escola muitas colegas estão ensinando a outras a terem um comportamento bulímico também. Pinheiro diz que a perda de peso rápida, associada a palidez, sintomas de anemia e perda de sentidos, pode ser consequência do uso desses medicamentos.

Outro problema citado pelo coordenador do Departamento de Adolescentes da SBP é a ingestão de remédios contendo tiratricol, prescritos para emagrecimento. Essa substância tem como base o hormônio tireoidiano e por isso pode de-

envolver hipertireoidismo no usuário. Os principais efeitos são febre, taquicardia, palpitações e hipertensão, ataques cardíacos e infarto agudo do miocárdio, até morte súbita, sem falar em efeitos neurológicos como insônia, nervosismo, depressão, psicose, derrame cerebral e coma.

Uso associado – O perigo torna-se ainda maior quando o jovem utiliza mais de uma substância para chegar a um resultado estético mais satisfatório. Há relatos da associação de tiratriol a componentes nocivos à saúde, como adrenalina, efedrina, antidepressivos ou fitoterápicos. Outro caso é o de rapazes que consomem bebidas alcoólicas e passam também a ser usuários de anabolizantes. Essa combinação pode causar dependência física e psicológica.

“A SBP está acompanhando esse tipo de comportamento no jovem, referente a anabolizantes. Há quatro anos encaminhamos um documento ao Ministério da Saúde alertando ▶

SAIBA MAIS

O site Sécuro XX1, da MULTIRIO, traz uma chave sobre esporte, onde há vários matérias sobre saúde e esporte. (<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/>). NÓS DA ESCOLA nº 13 traz uma matéria especial sobre o novo Código Mundial Antidoping.

para o problema e, como resposta, saiu uma portaria proibindo a venda dessas substâncias sem receita carbonada [com cópia de carbono], mas isso não é observado. Às vezes as próprias academias vendem e as farmácias não exigem prescrição médica”, afirma Pinheiro.

Como não há um controle rigoroso do governo e muito menos das academias, é importante que a família e a escola fiquem alertas para que não aumente o número de jovens que poderiam ter ótima saúde com a atividade esportiva, mas caem nessas armadilhas. O professor Aldair José de Oliveira diz que é possível observar algumas mudanças de comportamento, como por exemplo o aumento da massa muscular, e que a agressividade do adolescente também pode ser um indicativo do uso de esteróides anabolizantes. Se a menina sente fraqueza, come pouco ou desmaia, pode também estar tomando algum medicamento sem orientação médica para emagrecer.

Segundo ele, há duas providências que a escola pode tomar, como promover debates, alertando para o perigo de extremos, como obesidade e anorexia, assim como o excesso de músculos. A segunda medida é, no início do ano, antes da aula de educação física, a utilização da anamnese, que é um questionário com dados pessoais para identificar a rotina do aluno e seus hábitos alimentares. Assim é possível identificar qualquer problema com antecedência.

O uso de drogas no esporte torna-se ainda mais grave quando chega aos atletas profissionais. Essa prática acontece principalmente pela busca de melhor desempenho físico nas competições, principalmente quando o esporte deixa de ser mero entretenimento e se torna fonte de geração de recursos. Desde sempre o homem tenta aumentar o seu rendimento no trabalho. O uso de folhas de coca pelos povos andinos para evitar a fadiga e o consumo de cafeína, estricnina e cocaína ilustram essa afirmação.

Competições – Foi somente em 1952 que o abuso por *doping* ficou caracterizado. O primeiro controle de dopagem efetuado em olimpíadas, com sanções, só aconteceu em 1968. O marco para inibir a prática de dopagem foi as Olimpíadas de Los Angeles, em 1984, já que a tecnologia analítica para a

detecção e confirmação de esteróides anabolizantes fora aplicada pela primeira vez a todas as amostras.

Entre as substâncias proibidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e consideradas como *doping* estão os estimulantes usados para aumentar o alerta e reduzir a fadiga; os narcóticos e analgésicos, para aliviar as dores; os betabloqueadores, para reduzir os tremores na mão causados pelo estresse; os diuréticos, para a redução do peso; os esteróides anabolizantes, para aumentar a massa muscular e agressividade; e as consideradas drogas de abuso como maconha e cocaína. Os atletas devem evitar medicamentos estimulantes até em tratamentos de emagrecimento, porque podem ser reprovados em exames e terem interrompido o sonho de saírem vencedores de uma grande competição.

Para o coordenador do Laboratório de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (Ladetek) do Instituto de Química da UFRJ, Francisco Radler de Aquino Neto, não cabe a desculpa de que o atleta não sabia que o consumo de certa substância é proibido. “Eles são muito bem informados e um atleta sabe que ele não é um cidadão comum. Tem que estar 24 horas por dia ligado no que pode entrar em contato com o seu organismo, pois é o único responsável pela presença de substâncias proibidas em sua urina ou sangue. Não adianta tentar pôr a culpa no médico, amigos, treinadores, comida, muito menos medicamentos”, explica.

O Ladetek é o único laboratório na América do Sul e Caribe credenciado pelo COI para análises de controle de dopagem no esporte. Para os Jogos Pan-americanos há novidades em termos de tecnologia para a realização dos exames. Segundo Radler, estão sendo implementados métodos que ainda não haviam sido adotados, como a confirmação de anabolizantes endógenos e o aumento da capacidade para detecção do uso de agentes anabolizantes. Durante o Pan serão umas 1.200 amostras e no Parapan, umas 300. As do Pan devem ser iniciadas quando a Vila Pan-americana abrir e as delegações chegarem, ou seja, serão feitas fora das competições. Espera-se que os atletas de todos os países dêem o exemplo, com um comportamento ético e saudável no esporte. ■

Tarefa cheia de encantos mil

O que tem de tão especial um lugar conhecido no país inteiro como Cidade Maravilhosa e que é escolhido para sediar o evento esportivo mais importante das Américas? As professoras regentes da sala de leitura-pólo Cristina Elisa Vicente da Costa e Luzineth Maria Queiroz de Castro, da E. M. Almirante Saldanha da Gama, do bairro de Campo Grande, “convocaram” suas equipes para descobrirem juntas a resposta. Aproveitando o aniversário da cidade, em 1º de março, elas desenvolveram o projeto Conhecendo o Rio Através dos Jogos Pan-americanos.

A primeira parte começou com um bate-papo com a garotada da escola, para saber como eles percebiam a movimentação na cidade e nos cariocas por conta do evento. Foi proposto aos alunos das três turmas do 2º ciclo de formação que considerassem o local onde o Pan se realizará. E os próprios estudantes sugeriram que o foco principal do trabalho fosse sobre os pontos turísticos, já que o mascote Cauê, que é a representação do sol, remete sempre à imagem que marcou a cidade para o mundo, com suas belezas naturais e muitos visitantes.

As professoras, então, quiseram saber das crianças o que elas conheciam de pontos turísticos. A maioria lembrou do Estádio Mário Filho, o Maracanã, local onde quase todos já haviam estado em algum momento. Mas eles não conheciam lugares-símbolos do Rio, como o Corcovado, o Cristo Redentor, o bondinho do Pão de Açúcar e a Praia de Copacabana. Mesmo assim, houve troca de informações e pesquisa e eles começaram a produzir desenhos ligando o Pan às atrações locais. Até pontos menos óbvios, como a Ponte Rio-Niterói, foram lembrados.

Depois dos desenhos, começou a produção de texto, que variou de acordo com o gosto das crianças: poesias, acrósticos, bilhetes, receitas e outros tipos de prosa. Toda essa produção virou um livro de 26 páginas com o título *O Pan é carioca*, repetindo o *slogan* utilizado pela Prefeitura. O trabalho foi apresentado no estande da SME (Secretaria Municipal de Educação) dentro do 9º Salão do Livro para

Crianças e Jovens, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que aconteceu entre os dias 23 de maio e 3 de junho, no Museu de Arte Moderna (MAM).

Para manter o visual único impresso ao álbum, a capa, estampada com desenhos dos alunos, foi produzida com a ajuda da professora Elizeth Nóbrega e ganhou ar artesanal. Antes de seguir para o Salão, os próprios autores puderam apresentar o livro aos seus colegas de escola. Os desenhos trazem o mascote nos diversos pontos turísticos, e os textos demonstram a esperança das crianças de que o Pan traga mais emprego, ruas sempre limpas e um ambiente de paz.

Percepção de espaço – O projeto político-pedagógico da Saldanha da Gama é O Homem Transformador Valorizando a Vida. Segundo a coordenadora pedagógica Sônia Ferreira Folena, o tema foi escolhido para conscientizar as crianças do meio em que estão inseridas, sugerindo, assim, uma maior participação no ambiente escolar. As professoras da sala de leitura acreditam que a proposta passa pela idéia de pertencimento, alcançando um espaço maior do que o que anteriormente era percebido por eles (alguns nunca haviam saído da Zona Oeste). Estimulados pelas belezas do Rio, os alunos passaram a entender os lugares mais belos como um pedaço do espaço de que fazem parte.

O projeto, cuja culminância será a Festa da Cultura das Américas, em julho, teve outros desdobramentos e desde a época da eleição para a escolha do nome do mascote do Pan a escola tem incentivado os seus 1.100 alunos a pensar nessa grande festa do esporte. O nome Cauê, naquela época, foi o mais votado pelos alunos da unidade, que além de Campo Grande, abriga crianças de bairros vizinhos, como Paciência e Cosmos.

Enquanto os alunos da classe especial e do 1º ciclo se encarregaram de trabalhar as diversas modalidades esportivas dos Jogos Pan-americanos, aos alunos do 3º ciclo foi ▶

TEXTO
BETE NOGUEIRA

proposta uma ampla pesquisa sobre dois países escolhidos pela CRE: Venezuela e Ilhas Virgens Britânicas. Primeiro, eles tiveram que procurar em mapas a localização de cada um deles e estudar suas características e história. Como o laboratório de informática estava passando por reparo técnico, os alunos que costumam frequentar *lan houses* se comprometeram a pesquisar imagens, gravar em CD e levar para a professora Luzineth, que se incumbiu de imprimir o material em sua casa. Eles escreveram sobre os dois países e posteriormente relataram a sensação de ver o trabalho pronto, juntando suas impressões sobre o resultado final. A Venezuela, único país das Américas a pertencer à Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), levou os alunos a alguns questionamentos de fundo social. “Como um país assim pode ter tanta pobreza?”, foi a pergunta mais ouvida.

Mais uma vez, as belezas naturais, especialmente as das Ilhas Virgens Britânicas, encantaram a garotada. Escrevendo sobre o arquipélago caribenho, uma das frases que marcou as professoras mostra bem que as crianças, empenhadas no trabalho desenvolvido na Saldanha da Gama, tiveram seus sonhos despertados para o mundo: “Só gostaria de conhecer pessoalmente...”.

O Pan empolgou os alunos pela proximidade de algumas provas à vida cotidiana deles. Ficaram orgulhosos porque o Centro Esportivo Miécimo da Silva, em Campo Grande, vai abrigar algumas competições do evento. ■

Deu certo

- O alto grau de envolvimento dos alunos
- A visão positiva que eles passaram a ter da cidade. A produção final do livro, que agregou valor e facilitou o manuseio
- A subdivisão do tema de acordo com cada fase do ciclo e da classe especial
- A descoberta de particularidades dos países trabalhados

Poderia ser modificado

- As turmas não tiveram condições de visitar os pontos turísticos. Para ir ao Pão de Açúcar, dentro do programa de visitas escolares promovido pela concessionária do bondinho, as professoras terão que esperar o início das inscrições em 2008, porque para este ano já não há mais vagas
- Textos a lápis deveriam ser substituídos por caneta ou digitados em computador, para melhorar a apresentação e tornarem-se um material mais duradouro

Compromisso com base na realidade

Cada vez mais segmentos da sociedade lutam pelo reconhecimento e pela valorização da diversidade. Com a escola não podia ser diferente. Inserida em um contexto marcado pela heterogeneidade, a pluralidade de projetos pedagógicos caracteriza a história atual da educação. Não encontramos duas escolas iguais, e por isso não podemos aceitar um padrão único que oriente a escolha do projeto, repudiando toda forma de uniformização.

Ao elaborar o seu projeto político-pedagógico a escola assume um compromisso com base na sua realidade, em

busca de seus desejos e necessidades. A participação de toda a comunidade interna e externa à escola é imperiosa para o sucesso do desenvolvimento de cada projeto, do início ao fim: planejamento, desenvolvimento, acompanhamento e avaliação. A constituição da autonomia deve ser uma diretriz que aposte na singularidade de cada região, cultura, sexo etc.

O projeto político-pedagógico deve ser considerado um momento importante de renovação da escola, e por isto tem que ousar, criticar, antever um futuro diferente do presente. (CRISTINA CAMPOS)

Escrever para compartilhar



Inspirada em Freinet, a equipe da Escola Eugênia Dutra Hamman mantém há sete anos o projeto de correspondência escolar

Novata na Escola Eugênia Dutra Hamman, na Pavuna, a professora de educação física Maria Inês Canário foi recebida de um modo simpático e pouco usual: com uma cartinha de boas-vindas, escrita pela aluna Deborah Vilella dos Santos. Graças a um projeto mantido há cerca de sete anos, escrever cartas é uma verdadeira mania na escola de Deborah. As mensagens trocadas semanalmente por alunos e professores têm envelope, endereçamento correto e até CEP (Código de Endereçamento Postal), representado pelo número de cada turma. Não faltam também os selos, com história à parte. A cada ano, acontece um grande concurso de selos, envolvendo alunos de todas as turmas. Os cinco eleitos por professores e funcionários circulam o ano inteiro nas cartas, que são depositadas em uma caixa postal localizada no pátio e entregues por um típico “funcionário” dos Correios – o uniforme é disputado avidamente pelos alunos, que fazem rodízio para a tarefa. Este ano, os selos estampam situações

inspiradas nos Jogos Pan-americanos. Antes da produção, os alunos debateram a história dos Jogos, as diversas modalidades esportivas, os países envolvidos e a importância de ter o Rio de Janeiro como sede.

O troca-troca de correspondências começou quando a Prefeitura sugeriu um projeto envolvendo cartas. Desde então, a cada ano uma novidade incrementa o trabalho. Assim surgiram a caixa e a barraquinha postal e o concurso de selos. No ano passado, houve ainda uma palestra de um funcionário dos Correios, que explicou o funcionamento da instituição e falou da importância do endereçamento correto e sobre curiosidades do serviço de entrega. Para este ano, a novidade é a produção de correspondências destinadas a alguns dos esportistas dos Jogos Pan-americanos. “A intenção é incentivar que cada vez mais as cartas ultrapassem os muros da escola. Estamos iniciando as trocas com outras escolas, depois vamos escrever para as CREs [Co- ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

ordenadorias Regionais de Educação] e – por que não? – para o prefeito também”, explica Sandra Perna de Faria, professora da sala de leitura e coordenadora do projeto.

O envolvimento da escola com o trabalho é visível. As cartas são distribuídas duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, cerca de 50 por vez. E a caixinha nunca fica vazia. Mas o melhor resultado é notado dentro das salas de aula. O interesse pela escrita e a curiosidade com relação à grafia das palavras são cada vez maiores. Professora do ano final do 1º ciclo, Viviane Meneguitte só vê benefícios na idéia. “Muitos alunos começam o ano com preguiça ou vergonha de escrever. Aos poucos, vão se soltando, passam a escrever cartas maiores, a tirar mais dúvidas, querem escrever com perfeição e estão sempre perguntando como se escreve uma palavra ou outra”, relata.

O resgate do prazer de escrever cartas é outro resultado do trabalho, como destaca a diretora da escola, Célia Regina da Cruz. “Hoje em dia, com a linguagem cada vez mais cifrada dos *e-mails* e torpedos, muitas vezes se perdem o sentido e o valor das cartas. Com o projeto, os alunos acabam resgatando tudo isso, além de aprender sobre o uso do envelope, sobre os tipos de cartas e os serviços dos correios”. Prazer de escrever, prazer de aprender. A pro-

fessora Viviane já notou que, com as cartas, o entusiasmo dos alunos em relação à produção escrita aumentou muito, tornando mais agradável o processo de aprendizado. “As cartas viram uma espécie de produção espontânea. Não temos que ficar cobrando, e o resultado é muito melhor”, comenta.

Laços da escrita – Como o projeto é mantido ao longo do ano inteiro, as cartas funcionam, ainda, como um registro da evolução dos alunos. “No primeiro ano do ciclo, eles começam com desenhos. Aos poucos, vão incluindo uma palavra ou outra e, depois de um tempo, são frases inteiras”, destaca Sandra. Viviane também costuma avaliar a evolução de seus alunos pelas cartinhas. No ano final do 1º ciclo, elas começam tímidas, com poucas palavras, até evoluírem para relatos detalhados de passeios ou acontecimentos dos finais de semana. Para a professora, os resultados são tão positivos que ela já está providenciando a ampliação do projeto. Como dá aulas também na Escola Municipal Otávio Kelly, também na Pavuna, Viviane vai realizar um intercâmbio de cartas entre alunos das duas escolas. Inicialmente, eles vão se conhecer apenas por fotos e pelas mensagens que trocarem. No final do ano, será promovido um encontro

Troca de experiências

O educador francês Célestin Freinet (1896-1966) quis em 1924 ampliar o círculo de leitores dos textos que seus alunos produziam e começou a desenhar um projeto que até hoje, em diferentes lugares do mundo, apresenta ótimos resultados: a correspondência interescolar. Na ocasião, Freinet aproveitou uma caixa com textos dos alunos e enviou questões para trocar experiências pedagógicas com um professor de uma escola no outro extremo do país.

A distância entre as escolas só enriqueceu o projeto. Depois de trocar cartas e bilhetes, as correspondências passaram a conter elementos das vidas dos alunos: fotos, comidas, plantas... até mesmo pedacinhos do solo.

A técnica da correspondência escolar facilita a expressão, favorece a socialização e provoca o desejo de aprender. Através da troca de cartas, bilhetes e outras produções, a criança vê a sua escrita valorizada, compreende possíveis usos que se podem fazer da escrita, em quais situações é necessário escrever e como organizar um texto de modo que ele funcione e cumpra objetivos esperados.

Remetentes e destinatários podem ser organizados de diferentes formas: aos pares, turma com turma, escola com escola, por ano de escolaridade, corpo docente etc. A correspondência coletiva é uma ótima atividade para desenvolver a cooperação e o respeito a diferentes opiniões, ritmos e aptidões. Hoje, a técnica criada por Freinet pode contar com outras linguagens como a do vídeo e a da informática.



O troca-troca de cartas tem favorecido a produção escrita espontânea dos alunos

entre as duas turmas. Fã das cartas, a professora guarda até hoje a correspondência trocada com colegas da época da escola. “A escrita é uma relíquia, fortalece a vontade de compartilhar e escrever coisas boas. Através da escrita, eles podem fazer e conservar muitos amigos”, acredita.

A estratégia tem dado certo. Pelo menos é o que atestam não só as centenas de cartas trocadas mensalmente na escola, mas também o depoimento dos alunos. “Escrever é muito bom. Posso contar e dizer um monte de coisas boas”, destaca Inara Araújo Branco, de oito anos, que prefere escrever cartas para as professoras, “porque elas são muito legais”. Já Karen dos Santos Laurentino Vieira, de nove anos, gosta mesmo é da brincadeira. “É muito divertido colocar a carta na caixinha e depois ficar esperando a entrega”, opina. Seja qual for o momento mais apreciado, o fato é que a idéia não pára de render frutos. Depois de realizar oficinas para a produção de envelopes e cartões, Sandra agora trabalha para levar as cartas para além dos muros da Eugênia Dutra Hamman. Para isso, conta não só com o entusiasmo de Viviane, que já está colocando a Otávio Kelly entre os destinatários, mas também com o envolvimento de toda a escola, que se prepara para escrever para os atletas do Pan e para o prefeito César Maia. No que depender

da diretora, o projeto vai longe. “A proposta tem criado laços entre os alunos e melhorou muito a leitura e a escrita. Os resultados são excelentes”, avalia Célia Regina. ■

Deu certo

- O desenvolvimento da leitura e da escrita;
- O incentivo à comunicação entre os alunos;
- A integração entre todas as turmas da escola;
- A disputa saudável entre os alunos para ver quem escreve ou recebe mais cartas.

Poderia ser modificado

- Seria interessante aumentar o intercâmbio com outras escolas, sobretudo as três para as quais os alunos são encaminhados quando terminam o seu percurso na Eugênia Dutra Hamman;
- Outro incremento importante seria os alunos começarem a escrever também para as suas famílias, como uma forma de fortalecer os vínculos familiares.

O primeiro Pan brasileiro

Jogos realizados em São Paulo, em 1963, reuniram 1.655 atletas vindos de 22 países diferentes



dia 5 de maio. Ao fim dos Jogos, 1.665 atletas haviam passado por solo paulista, vindos de 22 países. A delegação brasileira contou com 385 atletas. Foram disputadas 19 modalidades, incluindo uma estreante: o judô, que com o tempo se tornaria uma das principais fontes de medalhas olímpicas do Brasil.

Bom desempenho – A delegação brasileira não decepcionou em São Paulo. O Brasil conquistou um total de 52 medalhas, sendo 14 de ouro, 20 de prata e 18 de bronze, o suficiente para obter a segunda colocação no quadro de medalhas, atrás apenas dos Estados Unidos, que conquistaram 199, sendo 106 de ouro. Foi a melhor *performance* brasileira de todas as edições dos Jogos. Em terceiro lugar veio o Canadá, com 52 medalhas, 11 de ouro; em quarto, a Argentina, com 29 medalhas, 8 de ouro; e em quinto, ficou Cuba, com 14 medalhas, 4 de ouro.

Um dos destaques verde-e-amarelos foi a seleção de futebol, que conquistou invicta a medalha de ouro pela primeira vez na história dos Jogos. A campanha da seleção incluiu uma goleada de 10 x 0 sobre os EUA. O escrete campeão contava com dois jogadores que se tornariam craques do futebol nacional: Carlos Alberto Torres e Jairzinho. Outro ponto alto da competição foi a tenista Maria Esther Bueno. Ela já havia obtido seis títulos no Torneio de Wimbledon e conseguiu a medalha de ouro, na competição de simples, e prata, nas duplas.

Já a equipe masculina de basquete não correspondeu às expectativas. O Brasil tinha sido campeão mundial no mesmo ano, mas perdeu a final para os EUA, que ficaram com a medalha de prata. No ano seguinte, o time conquistou a medalha de bronze na Olimpíada de Tóquio, Japão. No atletismo, pela primeira vez nas edições do Pan, o campeão do salto triplo não foi o brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, que não participou das competições. O ouro foi para o norte-americano William Sharpe. ■

O Pan de 2007 promete movimentar a cidade do Rio de Janeiro em julho. Milhares de turistas são esperados para assistir às competições. Mas, ao contrário do que muitos acreditam, essa não será a primeira vez que o Brasil vive essa experiência. A cidade de São Paulo sediou a quarta edição dos Jogos Pan-americanos em 1963. A capital paulista venceu a cidade canadense de Winnipeg por 18 votos a 5, na primeira vez em que houve disputa entre duas cidades.

Prevista para ser concluída em três anos, a Vila Pan-americana ficou pronta no tempo recorde de 150 dias e depois dos Jogos foi incorporada ao *campus* da Universidade de São Paulo (USP). O projeto era inovador para a época, pois utilizava estruturas pré-fabricadas. Curiosamente, além dos equipamentos da capital paulista, também foram usadas as instalações da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), na cidade fluminense de Resende.

A cerimônia de abertura foi realizada no Estádio do Pacaembu no dia 20 de abril – recebendo um público de 40 mil pessoas –, assim como a cerimônia de encerramento, no

TEXTO
FÁBIO ARANHA

FOTO

REPRODUÇÃO DE
ALBERTO JACOB FILHO,
DE ORIGINAL DO ARQUIVO
DO JORNAL DOS SPORTS

Guarda, esportista e tricolor

Flávio dos Santos Silva já participou de treze maratonas representando a sua corporação



Os Jogos Pan-americanos vão ser marcantes para muita gente: atletas, turistas, cariocas e também para profissionais que darão apoio operacional nos dias de realização do evento. O subinspetor da Guarda Municipal (GM-Rio) Flávio dos Santos Silva, de 36 anos, além de supervisionar o efetivo do Grupamento de Apoio ao Turista (GAT) é também íntimo do esporte: já participou de maratonas representando a sua corporação. “Seria um sonho participar do Pan como atleta, mas é preciso uma preparação muito grande. Mesmo assim estou ansioso para realizar o meu trabalho”, ressalta o guarda-esportista.

A relação próxima com atividades físicas vem desde a infância, quando a sua

preferência era jogar futebol com os amigos. Aos 19 anos começou a se interessar por atletismo (corridas) e em seguida se formou em educação física. Ingressou na Guarda Municipal quando ela foi criada (1993) e, lá, conseguiu aliar o útil ao agradável. Desde 1996 participa de competições vestindo a camisa da GM-Rio – ao todo foram 13 provas, incluindo a Meia Maratona Internacional do Rio de Janeiro, a Corrida de São Silvestre e a Volta Internacional da Pampulha. Em cada prova chegou a correr de 10 a 21 quilômetros. Numa delas, conseguiu ficar entre os 150 primeiros colocados em um universo de 5 mil competidores. O sonho agora é participar da Supermaratona do Rio Grande, onde terá que percorrer 50 quilômetros.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Em foco



Flávio dos Santos Silva

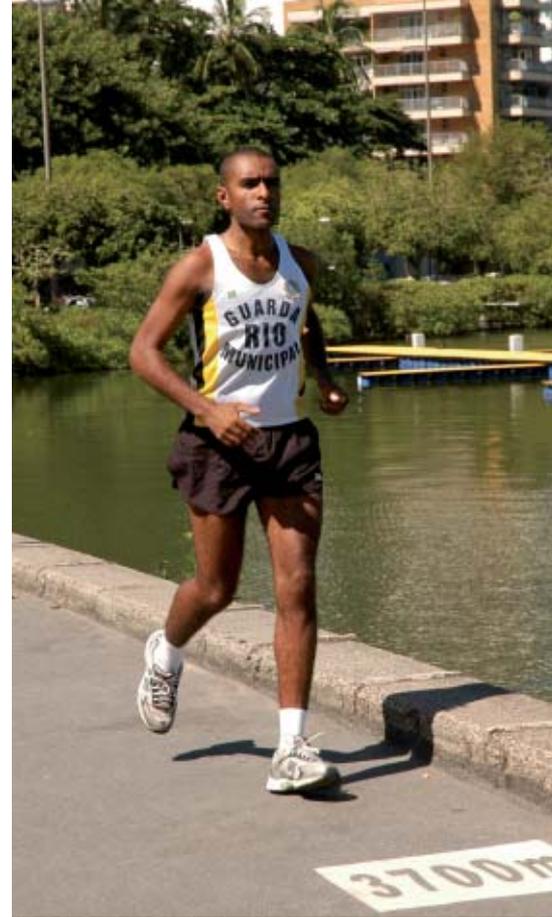
- Procura ter uma alimentação saudável. Sua comida preferida é peixe, mas não consegue se livrar do refrigerante.
- É torcedor do Fluminense.
- Gosta de filmes épicos como *300* e *Tróia*.
- Pretende estudar pedagogia, porque se interessa por questões educacionais, inclusive sonha organizar um seminário sobre educação especial.

Para manter o preparo físico, o subinspetor treina diariamente no Aterro do Flamengo, correndo em média 12 quilômetros. Nos fins de semana, nos momentos vagos, também não perde o pique. Quando não está se dedicando à família, costuma correr pelas ruas de Belford Roxo, RJ, município onde reside. “Atividade física é saúde. Todos deveriam praticar, desde as crianças até os idosos”, defende. A dedicação ao esporte já está sendo passada à próxima geração. A filha de Flávio, Ana Luiza, de seis anos, venceu uma prova de corrida infantil.

O amor pelo esporte o fez criar, com um colega, o subinspetor Jamilson Alfredo, a Corrida Rústica da GM-Rio, realizada todos os anos no dia de aniversário da corporação em 30 de março. Já se passaram sete edições e Flávio foi o bicampeão e conquistou a segunda colocação também duas vezes. Neste último ano, 124 guardas participaram da corrida. Outra faceta do subinspetor é comandar o time de futebol da corporação. Como técnico também não faz feio. Três de seus jogadores tiveram tanto destaque que foram convidados a integrar a Seleção das Forças Armadas e a participar do Campeonato Sul-americano, realizado no Rio de Janeiro, competindo com equipes dos Estados Unidos, Canadá e países vizinhos.

Receptividade – Durante o Pan, o guarda municipal vai deixar o uniforme de atleta de lado e integrar o efetivo da corporação no patrulhamento das vias públicas e auxílio aos turistas. Os 115 profissionais do GAT costumam atuar na orla de Copacabana, no Corcovado, no Pier Mauá, Aeroportos Santos Dumont e Internacional Tom Jobim e na Rodoviária Novo Rio. Na sua trajetória na Guarda, lembra de duas ocorrências nas quais atuou. Uma foi a prisão de um homem acusado de estupro dentro de uma lanchonete. O suspeito tentou agarrar a vítima dentro do banheiro e foi abordado por um dos guardas coordenados por Flávio. Na delegacia, o homem confessou o crime. Outra foi a prisão de um assaltante que tentava roubar turistas, procurado pela polícia há mais de um ano.

Para os Jogos Pan-americanos, ainda está sendo montada a estratégia de atuação do grupamento. Por enquanto, Flávio participou de dois cursos de capacitação para o evento: o



de Multiplicadores de Oferta Turística (focado na história do Rio de Janeiro e nos locais em que serão realizadas as competições) e o de Hospitaleiros, relacionado à forma de tratar o turista. “A população tem que se unir e receber bem quem chega à cidade para assistir ao Pan e visitar nossos pontos turísticos”, ensina.

O lado torcedor também aflora. Animado com a realização do evento no Rio de Janeiro, Flávio pretende assistir a algumas provas de atletismo, vôlei e badminton (esporte individual ou em pares semelhante ao tênis, praticado com raquetes e uma peteca). “A cidade estava precisando de um evento como este. É uma porta que se abre para sediar outras competições internacionais como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, para a qual o Brasil é forte candidato”, comemora o subinspetor. Seu ídolo é o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, que só não ganhou medalha de ouro nas Olimpíadas de Atenas porque um manifestante o agarrou, prejudicando o seu desempenho. Ele acabou chegando em terceiro lugar. “Vanderlei tem força de vontade e garra. É um exemplo. Eu me imaginei no lugar dele, fiquei pensando se isso acontecesse comigo.”, imagina Flávio. ■

A *Tudoteca* do mês destaca o lançamento do livro de Manoel de Barros que, junto a sua filha, brinda os leitores com versos acompanhados de lindas imagens. Traz ainda um perfil biográfico de Ariano Suassuna, escrito por Adriana Victor, também recém-lançado.

Livros

Ariano Suassuna – um perfil biográfico

Adriana Victor
Editora Zahar, 2007

As pedras que balizam a vida de Ariano Suassuna – escritor, filósofo e advogado – são carregadas de sonho, riso, festa, graça. O Ariano sonhador, dedicado, apaixonado pela família, pela vida, pela arte e por suas raízes brasileiras e sertanejas, é o que as autoras nos revelam nessa obra que entremeia sua vida pessoal com episódios de sua vida profissional.

Poeminha em língua de brincar

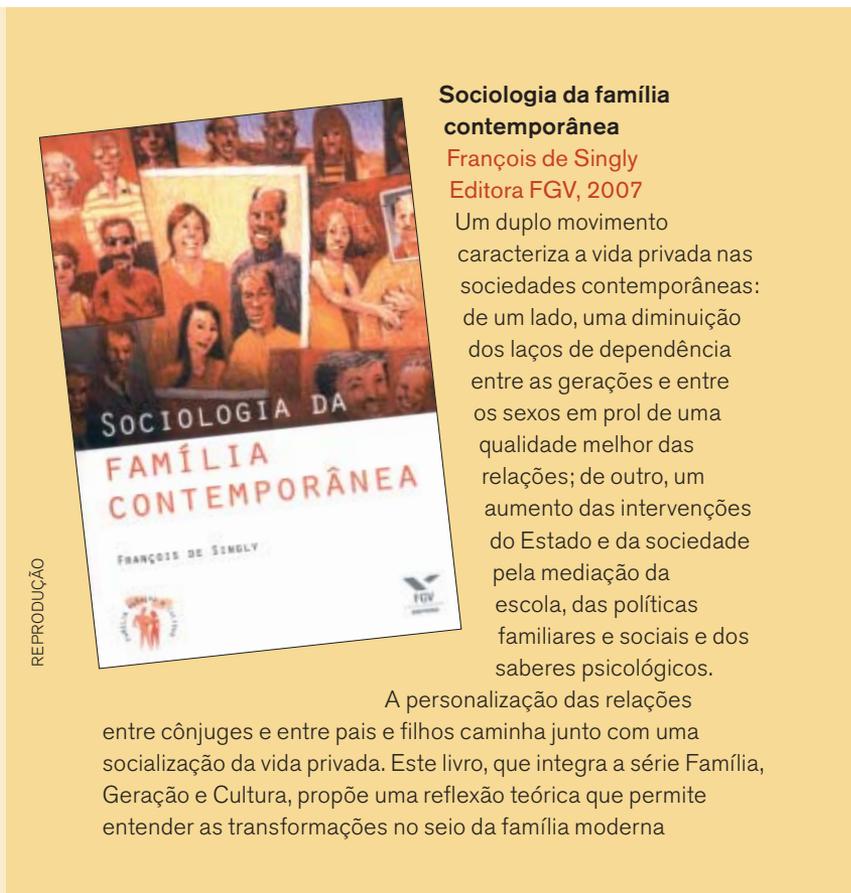
Manoel de Barros
Editora Record, 2007

Neste livro, Manoel de Barros se une à artista plástica Martha Barros, numa dobradinha familiar. É a própria filha do escritor a responsável por transformar seus versos em imagens, levando o trabalho do poeta do pantanal ao público infantil. Uma oportunidade de apresentar às crianças a obra de um dos mais importantes poetas da literatura brasileira contemporânea.

Contos para crianças impossíveis

Jacques Prévert
Editora Cosac Naif, 2007

O francês Jacques Prévert (1900-77), autor de poemas doces e líricos, encampa neste livro um discurso provocativo. Escrito durante a ocupação nazista na França e publicado em 1947, o livro



Sociologia da família contemporânea

François de Singly
Editora FGV, 2007

Um duplo movimento caracteriza a vida privada nas sociedades contemporâneas: de um lado, uma diminuição dos laços de dependência entre as gerações e entre os sexos em prol de uma qualidade melhor das relações; de outro, um aumento das intervenções do Estado e da sociedade pela mediação da escola, das políticas familiares e sociais e dos saberes psicológicos.

A personalização das relações entre cônjuges e entre pais e filhos caminha junto com uma socialização da vida privada. Este livro, que integra a série Família, Geração e Cultura, propõe uma reflexão teórica que permite entender as transformações no seio da família moderna

aproveita a estrutura dos contos clássicos para problematizar a desobediência e questionar a autoridade. Nas histórias, animais vivenciam situações de inconformismo, piedade e indignação. Ora um dromedário sente-se ofendido ao ser chamado de camelo por um palestrante, ora um jovem leão revolta-se contra o adestrador, ora um cavalo – preso em uma ilha com outros tantos cavalos passivos – clama em voz

uníssona por liberdade. Fantasiado, mas ao mesmo tempo tendo como pano de fundo a realidade, o livro não poupa as crianças. O projeto gráfico explora a linguagem de cartaz, uma referência direta a outro momento da história política francesa – maio de 1968. Um livro para crianças impossíveis ficarem ainda mais “impossíveis”, para desespero – ou orgulho – de pais e professores. Em edição bilíngüe – português/francês.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato* Tempo e clima	Nós da Escola Temas: Encontro com a leitura, Parapan 2007, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Zico Góes, entre outros.	Aqui no meu país É tempo de diversão As formas do invisível	9h-9h30 Cara de Criança* Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Ecce Homo* Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Contos de fadas poloneses Narrativas animadas	
Net - canal 14							
7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Brasil em movimento – A guerra civil (dia 3) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (10) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (17) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (24)
8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país É tempo de diversão	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Séries e documentários Shakespeare: histórias animadas* É tempo de diversão As religiões do mundo	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Zico Góes, entre outros.	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
8h30-9h	As religiões do mundo						
9h-9h30		Como a arte moldou o mundo* Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Meio ambiente, entre outros.	Nós da Escola Temas: Encontro com a leitura, Parapan 2007, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo* Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Meio ambiente, entre outros.
9h30-10h	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 4) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (11) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (18) Acima do peso (25)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola Temas: Encontro com a leitura, Parapan 2007, entre outros.
10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Zico Góes, entre outros.
11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima* Geografia física e meteorologia	Videoteca* Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins* Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação							
12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a edições inéditas do <i>Nós da Escola</i>, na BandRio, na quarta-feira, às 14h. Os programas são reapresentados no canal 14 da Net, na quinta-feira, às 9h, na sexta-feira, às 13h, e no domingo, às 9h30.	
12h30-13h	Shakespeare: histórias animadas* Clássicos literários adaptados para animação	Mesa brasileira* Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (dia 7) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (14) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (21) Acima do peso (28)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Rui de Oliveira, Zico Góes, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: Encontro com a leitura, Parapan 2007, entre outros.		
13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Consulte www.multirio.rj.gov.br. * Na **BandRio**, *Ecce homo* será exibido no dia 2, às 9h, e o *Especial Aventuras cariocas*, no dia 3, às 9h. No **canal 14 da Net**, *Ecce homo* (episódio sobre meio ambiente) vai ao ar nos dias 5 e 9, às 9h; e nos dias 25, às 12h30, 27, às 8h, e 28, às 9h30. Já *Aventuras cariocas* é atração às 11h30, entre os dias 2 e 8. Episódios da série *Juro que vi* vão ao ar no dia 5, às 14h20, na **BandRio**, e às 12h30, no **canal 14 da Net**.

Os primeiros atletas do PAN

Levantando peso, correndo contra o tempo e superando obstáculos.
Esta equipe vem trabalhando para transformar o sonho em realidade.



Prefeitura do Rio

Este investimento
vale ouro para
a Cidade.

Estádio Olímpico João Havelange





NÓS DA ESCOLA

No próximo número: narrativa histórica

RIO



PREFEITURA

EDUCAÇÃO **MULTIRIO**

central de atendimento: (XX21) 2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br